



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ADRIANA MARIA ARAÚJO DA SILVEIRA

**ERA UMA VEZ... OS CONTOS DE FADAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

**SALVADOR
2011**

ADRIANA MARIA ARAÚJO DA SILVEIRA

**ERA UMA VEZ... OS CONTOS DE FADAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação, pela Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Kátia Alves dos Santos.

SALVADOR
2011

ADRIANA MARIA ARAÚJO DA SILVEIRA

**ERA UMA VEZ... OS CONTOS DE FADAS E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NA FORMAÇÃO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Monografia aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia,
Faculdade de Educação, Universidade Federal da
Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Aprovada em _____ de dezembro de 2011

Banca Examinadora:

Ana Kátia Alves dos Santos (Orientadora)

Professora Doutora em educação

Profª Doutoranda em educação Leila Franca Soares

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Profª Doutoranda em educação Hildonice Batista

Universidade Federal da Bahia - UFBA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

A minha mãe que acompanhou de perto todas as minhas conquistas e também angustias, incertezas, dificuldades e viveu toda turbulência junto a mim.

A Gabriel, meu namorado, marido, que há dez anos convive comigo, e está ao meu lado me dando apoio em tudo que faço, vibra com minhas vitórias, e sofre com meus erros, ou seja, que vive e respira a minha vida comigo. Obrigado por todo amor, carinho, paciência, e dedicação.

A toda minha família, em especial a minha prima lane, que entrou para universidade comigo, que está formando agora, e tem me aturado, me orientado e me ajudado durante todos esses anos na faculdade.

A minha orientadora a professora Ana Kátia Alves dos Santos, por seus conselhos e dedicação que fizeram possível a realização deste trabalho.

Aos meus queridos mestres da infância, adolescência, e da vida acadêmica.

A todas as minhas amigas de infância, da minha rua, da escola, e da faced, que são poucas, porém, simples e verdadeiras amizadas.

“Os livros que têm resistido ao tempo são os que possuem uma essência de verdade, capaz de satisfazer a inquietação humana, por mais que os séculos passem”.

Cecília Meireles

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo fazer uma investigação acerca das contribuições dos contos de fadas para educação infantil, através de uma reflexão em torno da importância da utilização dos contos como meio de estímulo à aprendizagem formal e informal, os contos favorecem o desenvolvimento pessoal e social, auxilia na formação moral e ética da criança, assim, contribuindo para formação da personalidade infantil, e é principalmente pela via do prazer que a criança passa a adquirir o hábito de leitura. Para tanto, foi necessário utilizar como aparato metodológico, a pesquisa bibliográfica e qualitativa, porém, foram feitos estudos a partir de alguns questionários que foram aplicados e serviram como base coletora de opiniões. Os principais teóricos utilizados neste trabalho foram: Bettelheim (1978), Amarilha (1997), Abramovich (1997), Coelho (2003), Machado (2002), Lajolo e Zilberman (1991), através dos quais buscou-se analisar como a literatura infantil, mais especificamente, os contos de fadas, podem contribuir para o desenvolvimento psicossocial da criança. No processo de construção dos capítulos apresentou-se a seguinte estrutura: o primeiro capítulo contendo o contexto histórico dos contos de fadas, o motivo da adaptação dos mesmos para o público infantil, e o nascimento da literatura infantil, no segundo, as contribuições dos contos para desenvolvimento infantil, onde no final deste capítulo, encontramos relações teórica – práticas a partir de reflexões a cerca dos questionários. O estudo possibilitou concluir que na construção imaginária infantil através da leitura dos contos, abrem-se portas que permite as crianças levantar suas hipóteses, as incentivam a se comunicar, criar situações, fazer comparações que lhes servirão de base para aprendizagem futuras.

Palavras- chave: literatura infantil, contos de fadas, leitura, desenvolvimento infantil, educação infantil.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	7
2- A ORIGEM DOS CONTOS: E NADA DE FADAS!	14
2.1- ADAPTAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS: E ABRACADABRA!	19
2.2- DA EUROPA PARA O UNIVERSO INFANTIL: UM TOQUE DA VARINHA DE CONDÃO	25
3- CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: PASSEANDO PELA FLORESTA...	30
3.1- A FANTASIA, O SIMBÓLICO, O IMAGINÁRIO INFANTIL, E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	30
3.2- O LÚDICO COMO AUXILIAR DA APRENDIZAGEM, E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA, AS HISTÓRIAS INFANTIS E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE INFANTIL	38
3.3- NA TERRA DAS FADAS: UMA OBSERVAÇÃO DO MUNDO DA MAGIA PARA O UNIVERSO INFANTIL: RELAÇÕES TEÓRICO- PRÁTICAS	43
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	55
ANEXO	57

1- INTRODUÇÃO

Começo aqui dizendo que esta será uma tarefa árdua, visto que, de longe minha relação com a literatura foi de fato significativa, no sentido de que poucas, ou mesmo, raras vezes aconteceram, na minha infância, o contato com o livro propriamente dito, e sim aconteceram através da transmissão oral e imagens de desenhos animados com histórias dos contos de fadas.

Então, como falar de algo que não me é próprio?! Ou que no mínimo não foi uma constante em minha vida. Habita aqui, uma das questões primordiais que motiva esse estudo, conhecer, compreender, retornar ao mundo fabuloso ao qual eu pouco visitei. Onde se escondiam os príncipes da minha infância, e as princesas que permanecem até hoje trancafiada em castelos em sua vida de luxo, com seus vestidos deslumbrantes que eu sonhava ter. Quem sabe seria essa a peça principal que me prendia a aquelas histórias?! O fato de que, num futuro não tão distante poder eu, usar aqueles lindos vestidos, ter toda aquela vida luxuosa, encontrar um príncipe encantado, mesmo que para isso tenha de beijar um sapo, e então num final triunfante ouvir aquela famosa frase, e que agora seria só “minha”... “E viveram felizes para sempre”. Pois nesse período da minha vida, todo aquele encanto imaginário e visual que as poucas histórias de livros, histórias contadas oralmente sem o livro como mediador, e desenhos da Disney, os quais remetiam as versões das histórias tradicionais, traduziam para mim, naquele momento, passavam do plano abstrato e ganhava forma no concreto, a partir do momento em que eu me apropriava, onde, de maneira simbólica, trazia uma parte da história para mim, pois, no momento em que eu buscava um sapato da minha mãe para calçar, dizendo eu ser o sapato da cinderela, eu entrava do sistema de apropriação.

Para tanto é importante ressaltar um pouco da construção desta minha relação com a literatura. A seguir, faço relações de trechos das histórias que mais marcaram minha infância, com algumas lembranças de meu imaginário, ou seja, recortes das histórias, mostrando de que maneira elas influenciaram no meu cotidiano. E aqui apresento as fadas da minha infância...

E como toda historia começa... “Era uma vez assim vai começar a historinha que eu agora vou contar...”

Era uma vez... Uma menina a quem todos chamavam de Anne, ela morava numa casinha simples, entre morros e montanhas aos arredores dum vale encantado em Itapuan. Ali bem próximo habitavam monstros, dragões, bruxas, lobos, madrastas, gnomos, gigantes e também príncipes, porquinhos, rainhas, unicórnios, anões, duendes, caçadores e fadas, figuras que existiam somente em seu imaginário. A casa era pequena, simples e aconchegante, não sei se ao certo de palha, chocolate, tijolo, madeira, ou do tamanho da dos sete anões, ou se continha um pouco de todas elas, mas com certeza era um palco de inúmeras aventuras, e viagens ao imaginário onde não é necessário convite para entrar.

É nesse universo de viagens ao mundo da fantasia, que meu imaginário fazia com que em diversos momentos eu vestisse a fantasia de cada personagem que muito admirava, às vezes era Alice no país das maravilhas, outras passeava pela terra do nunca, em outros calçava o sapatinho de cristal, as vezes levava doces para vovozinha, as vezes colocava amarras de lençóis na janela e dizia ser as tranças da Rapunzel, e muitas das vezes que subia em arvores passava pela minha cabeça, estar subindo no pé de feijão da história de João, e o gigante, eram sim os adultos que estavam por ali. Em minha infância muitas vezes estive envolvida no mundo da fantasia, às vezes só e muitas outras acompanhadas de amigos reais e imaginários, fazia uso de elementos dos contos de fadas, como; a carruagem, os ovos de ouro, a varinha, a maçã, a vassoura da bruxa, e também o caldeirão, as florestas, castelos e vales encantados também estavam sempre presentes, as casas assombradas, o lobo, o gênio da lâmpada e a casa de doces de João e Maria eram um sonho prestes a se realizar na viagem ao mundo fantástico maravilhoso. E com o cair da noite, a bela adormecia por horas seguidas, para então no outro dia acordar e calçar as botas que lhe faz correr léguas pelo sedutor mundo de minha criação.

Durante um longo período de minha infância, estive submersa no mundo sedutor que os contos de fadas proporcionavam a mim, e muitas outras crianças de meu círculo de amigos, eu também observava que as histórias de fadas e princesas envolviam não só a mim como também àqueles que estavam a minha volta. Mais tarde, a criança passa a se questionar se de fato existem lobos maus, sereias, eu, por exemplo, até os 10 anos acreditava que sereias existiam, e ficava na ilha, de frente para o mar, à noite, esperando ver uma sereia, caçadores, gigantes, princesas e castelos, é nesse momento que começam a fazer dissociações entre o real e o imaginário, começam a levantar suas próprias hipóteses, buscam respostas para seus conflitos o que em seguida lhe servirá como auxiliar na aprendizagem.

Com o passar do tempo, cada vez mais percebi, que muito do eu costumava ouvir das histórias infantis, não existia na realidade nossa de cada dia. Com esse distanciamento, pude reconhecer que há momentos na nossa vida em que podemos brincar fazer de conta e que em outros devemos voltar para realidade e agir conscientemente, descobri a fronteira entre o real e o fictício, até onde eu posso e devo ir.

De agora em diante muito tempo se passa e a literatura encontra-se adormecida em minha vida. Por estudar em escolas tradicionais e públicas que não valorizavam a literatura, que não fosse às direcionadas a disciplinas, ou seja, o livro didático, nem tão pouco realizava contação de histórias, passei anos sem ter contato com livros, o que na infância já era raro, agora se torna inexistente. Só ouvir falar de livros no cursinho pré – vestibular, que eram mais direcionados a literatura exigida pela UFBA, que iriam cair na prova. Acredito que o meio no qual eu vivi também influenciou para que eu não fosse estimulada, ou não tivesse acesso à literatura, pois, tanto na minha família como no meu meio social , bem como amigos, não se via falar em leitura, literatura de nenhuma maneira.

Somente quando entrei na faculdade, muito mais ainda na disciplina Leitura e Produção de Textos, que voltei a ter contato com o mundo literário, de início por indicações dos professores, de livros maravilhosos, e depois por minha própria iniciativa de redescobrir o maravilhoso mundo que durante alguns anos esteve adormecido em minha vida. Em seguida tive a oportunidade de estagiar numa escola particular que preza muito pela valorização do livro, leitura e literatura, voltei a

ter contato o mundo maravilhoso, e reviver as sensações de quando criança, nesta escola o trabalho é realizado através de muitos projetos literários e oficinas, leitura compartilhada, e cirandas, cada grupo possui o seu acervo com indicações de livros adequados aquela faixa etária, a seleção é feita primeiramente por cada professor do grupo juntamente com a especialista em literatura da escola, e ao apresentar cada livro ao grupo, a professora observa quais os livros que as crianças mais gostaram, e assim dão prosseguimento aos trabalhos com a classe, e um dia na semana, geralmente as quartas feiras, as crianças vão ouvir histórias em outros grupos, e crianças de grupos do fundamental vêm contar histórias para crianças da ed. Infantil.

A escola estimula a leitura e o uso freqüente da biblioteca da escola, aonde as crianças vão uma vez por semana, para ouvir histórias contadas pela bibliotecária, e escolherem um livro para levar para casa, porém o que sempre observo, é que, do grupo um ao grupo cinco com freqüência são requisitados a dar o ar de sua graça, são os famosos contos de fadas, sempre há uma criança pedindo para contar a história dos três porquinhos, ou da chapeuzinho vermelho, e outras vezes evocam os príncipes e princesas da cinderela, branca de neve e bela adormecida, e sempre se encantam com as bruxas e fadas, dizem ser os personagens, representam e entram na trama da narrativa.

Os resultados são bastante positivos, pois, as crianças sempre pedem para ouvir histórias, pegam os livros na prateleira da sala e mesmo sem saber ler de fato, fazem a leitura das histórias através das imagens e também de como já contaram para elas, contam para seus colegas que muitas vezes ouvem atentamente.

Embora o interesse pelo tema de inicio tenha sido uma questão pessoal, de conhecer um mundo pouco visitado por mim (as histórias dos livros), porém outra abordagem que me move é se a versão atual dessas histórias sempre foi contada dessa maneira. Contudo, a relevância desse tema na sociedade implica na importância de se trabalhar os contos de fadas na escola e no cotidiano da criança com intuito de reforçar a prática de leitura dos contos e transformá-lo num momento de prazer onde a criança só tem a ganhar.

Os contos favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento da criança visto que, estimulam o raciocínio lógico, a reflexão, aguça a sensibilidade onde a criança

através do imaginário faz relações entre o sonho e o real, os contos dão a liberdade para criança fazer associações que favorecem sua formação pessoal e social, através de dramatizações aonde a criança irá se adequando ao convívio familiar, social e escolar o que levará a criança a descobrir valores como o amor, o carinho, e a bondade que faz com que a criança posicione-se diante de suas atitudes e a dos outros fazendo-a enxergar em sua conduta o que é certo ou errado. Além de favorecer o desenvolvimento da personalidade, através do resgate da imaginação da criança, onde se envolvem no maravilhoso, na magia, e na fantasia o que proporciona um momento de leitura natural e de prazer.

Tendo em vista a relevância da temática, esse estudo objetiva analisar de que forma os contos de fadas podem contribuir para formação de crianças na educação infantil, Identificando as versões originais de alguns dos contos tradicionais, verificando o porquê da reformulação desses contos, e adaptação dos mesmos para o público infantil, e a partir daí compreender a função destinada aos contos de fadas e sua contribuição para educação infantil.

Contudo, a presente pesquisa opta por ser Qualitativa, e Bibliográfica, que para Gil, (1987 p.48) é aquela que “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Passa por uma retomada histórica descritiva, que busca refletir sobre o porquê da adaptação desses contos para o público infantil, e analisar de que maneira hoje, esses contos influenciam na vida da criança, para tanto se fará necessário uma breve observação, que, segundo Lavile e Dionne (1999, p.176) “[...] é um modo de contato privilegiado com o real, pois é observando que nos situamos, orientamos nossos deslocamentos, reconhecemos as pessoas, emitimos juízos sobre elas.” Sendo que esta foi realizada em momentos esporádicos de contações de histórias. Também utilizarei como técnica de coleta de dados, um questionário que Gil define como “uma técnica de investigação com um número de questões apresentadas por escrito, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões.” Que será aplicado a professores, uma bibliotecária, que lidam com prática de contar história, e uma especialista em contação de histórias. Porém nessa análise constarão duas visões, uma do trabalho realizado numa escola particular e outra pública. Questionários esses, que também somente servirá de base coletora de opiniões.

Com o propósito de atender aos objetivos desta pesquisa, o trabalho foi estruturado em três partes, a primeira traz a origem dos contos, algumas de suas versões mais antigas. Capítulo que intitulo de; A origem dos contos... E nada de fadas! Aqui, a investigação acontecerá por meio da intencionalidade original desses contos, onde a beleza e encantamento das fadas não passeiam. Ainda no primeiro capítulo relato o motivo da adaptação dos contos para o público infantil, fazendo necessária uma contextualização histórica daquela sociedade, daquela época, cujo título é; Adaptação dos contos... E abracadabra! E finalizo essa primeira parte trazendo a diáspora desses contos pelo mundo, em especial no Brasil. Que tem como título; Da Europa para o universo infantil... Um toque da varinha de condão!

Já no segundo Capítulo, as Contribuições dos contos de fadas na educação infantil: Passeando pela floresta... A fantasia, o simbólico, o imaginário infantil, e suas contribuições para o desenvolvimento da criança. Onde trago parte da resposta sobre qual a função dos contos de fadas na vida da criança, e de que forma eles contribuem para formação das mesmas. Aqui, cabem as boas influências desses contos, na formação plena da criança, através do imaginário, simbólico e relação com o real. Ainda no capítulo dois, no tópico dois/ dois, cujo título é: O lúdico como auxiliar da aprendizagem, e desenvolvimento da linguagem na criança, as histórias infantis e a formação da personalidade infantil. Onde exponho de que maneira os contos infantis podem ajudar os pequenos na formação de valores, em saber lidar com situações cotidianas, auxiliar na formação de sua personalidade, e além de funcionar como facilitador da aprendizagem, no prazer e hábito de leitura.

Ao final do capítulo dois encontraremos o último tópico do capítulo dois, é nomeado de: Na terra das fadas: uma observação do mundo da magia para o universo infantil: Relações teóricas – práticas. Que conta com uma análise e interpretação de dados coletados de um questionário detentor de duas versões, um visto do âmbito público e outro do privado, sobre a influência dos contos na vida da criança. Porém, é importante ressaltar que tal questionário, somente foi utilizado como coleta de informações que serviriam de base para que eu tivesse uma noção de que se o acontece nas escolas particulares, a exemplo das que eu estagiei, também acontece em escolas públicas, foi mais por uma questão de informação. E não com intenção de fazer desta uma pesquisa de campo. E também algumas versões de

observações que fiz de contações de histórias, esporadicamente, e até mesmo que contei sem a intenção de inserir neste trabalho, histórias que contei até antes de pensar no tema da minha pesquisa. Busco fazer algumas relações do acervo bibliográfico com minhas experiências práticas.

E por fim nas considerações finais; Esse capítulo traz a tona, a resposta final da minha questão de pesquisa, expõe se de fato, os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento de crianças na educação infantil.

2- A ORIGEM DOS CONTOS: E NADA DE FADAS!

Considero relevante explicar o porquê da escolha do título desse capítulo, pois, neste capítulo trago a origem dos contos, que de início eram somente de transmissão oral, e traziam enredos que chocavam, e eram denúncias de acontecimentos corriqueiros da sociedade e cortes daquela época. Por esse motivo, pouco remetiam aos contos de fadas atuais. Eram histórias sangrentas, de estupro e mutilação.

Quem hoje escuta a história de Cinderela nem imagina que ela foi registrada na China durante o século nove D.C. O pé que era um sinal de beleza e qualidade da mulher, e o sapato feito de material precioso, são indícios da origem oriental. No entanto, os contos são mais conhecidos como sendo de origem européia, mais, estes possuem raízes históricas orientais, pois, na China era comum o noivo dar um sapato a noiva para oficializar o compromisso. E também na antiga China, “existia o costume de comprimir os pés femininos para não crescerem, como ideal de beleza.” (MACHADO, 2002, p.69).

Porem, as fadas nascem no berço do povo Celta, que veio da Ásia menor, e instalaram-se na Europa central, entre o atlântico e o mar negro, onde seria hoje a Irlanda e ilhas britânicas, no período conhecido como era do bronze (2000 a.c.), na Antiguidade, (...) “com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério além da vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino “fatum”, que significa destino.” (COELHO, 1991, p.155)

Com base em Coelho (2003) segundo a tradição, as fadas são seres imaginários, dotados de virtudes positivas e poderes sobrenaturais. E tem o papel de auxiliar de maneira positiva na vida dos seres humanos, ajudando a solucionar conflitos. O oposto acontece quando essas fadas têm um comportamento negativo, o que garante a elas o título de bruxas. Visto que, bondade, delicadeza, e beleza são características comuns as fadas. Onde “vulgarmente se diz que fada e bruxa são formas simbólicas da eterna dualidade da mulher ou da condição feminina.” (COELHO, 2003 p.72)

E é nesse período que passam a cultuar as mulheres sobrenaturais (deusas e fadas). Essa herança celta, aliada ao fundo “maravilhoso”, de imaginação, encantamento e fantasia das novelas de cavalaria do ciclo do rei Artur e seus cavaleiros da tavola redonda, é nesse contexto que as fadas teriam surgido.

Quanto aos contos de fadas de raízes celtas, gira em torno de uma problemática espiritual/ético/existencial, a ligada a realização interior do indivíduo basicamente intermédio do amor. Daí que suas aventuras tenha como motivo central encontro/a união do cavaleiro com a amada (princesa e plebéia), após vencer grandes obstáculos, levantados pela maldade de alguém. EX: Rapunzel, o pássaro azul a bela adormecida branca de neve e os sete anões, a bela e a fera. (COELHO, 2003, p. 79)

Contudo, as fadas entram no mundo da literatura, por meio das novelas de cavalaria, e romances das cortes, e através de múltiplas personificações, entram para o folclore europeu. Tornando-se conhecidas como seres fantásticos, e belos que se apresentam sob forma de mulher.

Os primeiros contos iniciaram é claro que da transmissão oral, onde mulheres ao trabalhar contavam histórias, artesãos, camponeses, ou mesmo eram contados em cortes, em bailes para reis em festas, que acontecia não só em um lugar mais em várias regiões do mundo, e que tinham influências da sociedade e da época que eram contados.

No entanto, contos esses que apesar de serem contados em diferentes regiões do globo, e numa época em que a comunicação era escassa, um fato curioso acontece, possuíam algumas narrativas em comum como as de cinderela, a bela adormecida e chapeuzinho. De acordo com Nelly Novaes Coelho, que diante de uma pesquisa realizada por diversos estudiosos como antropólogos, historiadores e outros profissionais, acabou revelando que aquelas histórias foram fruto de “uma grande fonte narrativa de expansão popular: a fonte oriental (procedente da Índia séculos antes de Cristo), que vai se fundir através dos séculos com a fonte Greco-romana, e com as fontes céltico-bretã (na qual nasceram as fadas)”. (COELHO, 2003, p. 30)

Como já vimos um pouco do que vem a ser o povo celta, e sua contribuição para o nascimento das fadas, agora veremos algumas fontes inspiradoras orientais, como o conto Dois Irmãos, que aponta os estudiosos como sendo a fonte do texto bíblico

“José e a mulher de Putifar.” Que conta a história de uma mulher que cria a discórdia entre dois irmãos. E que aqui no Brasil Câmara Cascudo descobre uma versão desse conto, em *A princesa e o gigante*. “Os Dois Irmãos, ele pode ser incluído entre os precursores do conto de fadas, uma vez que o seu conflito básico é de natureza existencial.” (Coelho, 2003, p. 33)

Assim, como outras que também inspiraram histórias no mundo todo, como, Calila e Dimma, Sendeban ou livro dos enganados das mulheres, de onde originaram outros contos como, *as aventuras de Simbad, Ali babá e os quarenta ladrões, Aladim e o gênio*. Que ficaram conhecidas no mundo no século XVIII, quando foi publicada a primeira coletânea de contos orientais.

E também As Mil e Uma Noites, uma das mais importantes narrativas orientais, que só no início do século XVIII, foi traduzida por um francês, o Antoine Galland e que teve grande sucesso. As mil e uma noites têm uma narrativa que fala do oriente exótico e fantástico, com hábitos e costumes de um povo e sua sedutora cultura, numa viagem cheia de aventuras que encantou o mundo ocidental.

Os contos de fadas já existem há muito tempo, em várias culturas, de início seus contextos eram bizarros, pois traziam em seu enredo uma história de transmissão oral com base na sociedade da época, denunciavam injustiças, misérias, coisas que aconteciam de errado nas cortes, eram críticas a vida cotidiana daquela época. E que era repassado através de contadores, de rua. E com o passar do tempo foram sendo adaptados para que pudessem ser contados nas cortes, aos nobres, como já se percebe que de início esses contos não tinham nenhum direcionamento para crianças. Nesse contexto não havia nenhuma preocupação com a formação das crianças, pois esta era vista como um adulto em miniatura. Segundo Phillippe Aryés 1978, as crianças participavam desde as responsabilidades familiares, até as sessões de julgamentos da corte, orgias, em quanto o pai se divertiam, neste período era comum o pai iniciar a filha no ato sexual, situação comum para época, segundo o contexto histórico.

Dentre algumas histórias clássicas cujas versões continham enredos chocantes, estão; A bela adormecida, chapeuzinho vermelho, Cinderela, branca de neve e outras mais. Histórias essas que durante muito tempo nem se quer foram escritas. E

tinham alguma ligação com ritos de sociedades primitivas, de casamentos, passagem de uma idade para outra, e:

Por isso, guardaria tantas marcas feminino (as gotas sobre a neve que cai do dedo da mãe e borda ao se iniciar Branca de Neve, ou a de Bela Adormecida que se pica no fuço de uma roça) e no vermelho (como em Chapeuzinho Vermelho, ou a rosa de a bela e a fera), por exemplo, seriam vestígios da primeira menstruação. (MACHADO, 2002, p. 70)

Em a bela adormecida, na versão original, a jovem é colocada para dormir por causa de uma profecia, ao invés de uma maldição, e não é por causa de um beijo de um príncipe que acorda. O rei descobre que em um dos quartos do castelo, existe uma moça que vive a dormir, ao vê-la dormindo, estrupa-a. Após nove meses ela dá a luz a duas crianças (enquanto ela esta dormindo). Uma das crianças chupa o dedo, e remove o pedaço de linho que estava mantendo-a dormindo. Ela acorda, e mãe de dois filhos, um dia o rei resolve ir visitá-la, a esposa do rei descobre o tudo, e manda cozinhar as duas crianças e servi-las para o rei, mais o cozinheiro prepara cabritos no lugar, depois a rainha manda buscar a moça para jogá-la no fogo, mais o rei chega a tempo e lança a própria esposa no fogo no lugar da jovem. Ele casa com ela e vive com seus filhos.

Caso esse ocorrido na sociedade da época, que foi registrado e contado nas ruas da cidade, porém, não se falava ao certo, onde tivera acontecido o caso, nem o nome do rei, por medo de repressão. Conto esse que mais tarde foi adaptado por Perrault e que “podemos compreender facilmente que Perrault não considerasse apropriado contar para a corte francesa uma estória onde um rei casado seduz uma donzela adormecida, gerando-lhe filhos, e esqueceu se de tudo.” Bettelheim (1978, p.270)

Em Borracheira, mais conhecida como Cinderela, que é um conto bastante antigo, há registros dessa história numa versão grega de antes de cristo, e na china nos anos 800. Cinderela foge de seu pai, que quer casar- se com ela, pois ela lhe lembra sua falecida esposa. Mas por trás da historia bonita há uma variante mais sinistra do que a dos irmãos Grimm, na versão original, as desagradáveis irmãs más, cortam partes de seus próprios pés, para servir nos sapatos de cristal esperando enganar o príncipe. O príncipe è alertado para a tramóia por dois corvos que bicam os olhos

das irmãs. Elas acabam passando o resto de suas vidas como pedintes cegas, enquanto cinderela viveu no luxuoso palácio com o príncipe.

Um elemento importante de muitas versões anteriores de “borralheira”, que contam como as irmãs mutilaram os pés para que coubessem no sapatinho. O príncipe cai nesse logro até que o canto dos passarinhos chama sua atenção para o sangue nos sapatos. (BETTELHEIM, 1978, p.291)

Em Chapeuzinho vermelho a versão mais antiga conta a historia da seguinte maneira; Certo dia, mãe de uma menina mandou que ela levasse um pouco de pão e de leite para sua avó. Quando a menina ia caminhando pela floresta, um lobo aproximou-se e perguntou lhe aonde ia: Para a casa da avó – ela respondeu. Por que caminho você vai, o dos alfinetes ou o das agulhas? O das agulhas. Então o lobo seguiu pelo dos alfinetes e chegou primeiro a casa. Matou a avo, despejou seu sangue numa garrafa e cortou sua carne em fatias, colocando tudo numa travessa. Depois, vestiu sua roupa de dormir e ficou deitado na cama, a espera. - Pam, pam! Bateu na porta a Chapeuzinho. - Entre, querida! Respondeu o lobo.

Olá vovó. Trouxe para a senhora um pouco de pão e leite, Sirva se também de alguma coisa, tem carne e vinho na copa. A menina comeu o que lhe era oferecido e, enquanto a fazia, um gatinho disse: menina perdida! Comer a carne e beber o sangue da sua avó! Depois o lobo disse: tire a roupa e deite- se na cama comigo. Onde ponho avental? Jogue no fogo. Você não vai mais precisar dele. Para cada peça de roupa – corpete, saia anágua e meias, a menina fazia a mesma pergunta. E cada vez, o lobo respondia: jogue no fogo. Você não vai precisar mais dela. Quando a menina se deitou na cama, disse: ah, vovó! Como você e peluda! É para me manter mais aquecida. Ah, vovó! Que ombros largos você tem! É para carregar melhor a lenha querida! (...) Até que ela perguntou: Ah, vovó! Que dentes grandes você tem! É para comer melhor você querida! E ele a devorou.

Chapeuzinho vermelho é de origem incerta. O tema é antiqüíssimo e parece em vários folclores. Sua célula originaria estaria no mito grego de Cromos, que engole os filhos, os quais, de modo miraculoso, conseguem sair do seu estomago e o encher de pedras. Exatamente o final escolhido pelos irmãos Grimm. (COELHO, 2003, p.39)

Ao contrario da versão de Perrault que adota em suas histórias a versão original de chapeuzinho onde a avó e neta, morrem no final.

Enquanto no relato de Perrault a ênfase recai sobre a sedução sexual, na estória dos Irmãos Grimm dá-se o oposto. Nela, não se menciona nem direta nem indiretamente nenhuma sexualidade: isso pode estar sutilmente implícito, mas essencialmente, o ouvinte tem de completar a idéia, para compreender a estória. (BETTELHEIM,1978, P.212)

Já na história de Branca de neve acontece que, após ter comido a maçã envenenada, os sete anões chegam tarde demais e nada pôde fazer para Branca de neve acordar. Como sua aparência ainda era boa e ela tinha bochechas coradas, eles não tiveram coragem de enterrá-la e fizeram uma cripta de vidro para ela. Um dia um príncipe viu a cripta com a princesa e quis comprá-la dos anões. Os anões se recusaram a vendê-la mais acabaram dando para o príncipe com pena, pois ele pediu muito, o príncipe tinha empregados que carregaram a cripta, mas, um deles tropeçou e caiu, derrubando o caixão de vidro. Com a queda, Branca de neve cuspiu um pedaço de maçã que estava envenenada e voltou a vida. O príncipe e Branca de neve planejam fazer uma festa de casamento e convidam a madrasta má (que não sabe que Branca é a noiva). Ela se arruma e quando se olha no espelho e pergunta, descobre que Branca está viva. Ela decide ir ao casamento mesmo assim e fica apavorada quando ver que a noiva realmente é Branca de neve. Então, colocam um par de sapatos de ferro na brasa, tiram da brasa e veste na madrasta, a fazendo-a dançar ate cair morta.

2.1- A ADAPTAÇÃO DOS CONTOS: E ABRACADABRA!

Nas sociedades antigas, não existia “infância”, um espaço separado do mundo adulto. As crianças viviam junto com os adultos, trabalhavam, viam os processos da vida desde o nascimento, doença, morte, conviviam com suas famílias na vida política, em festas, audiências, guerras, execuções. “Tendo assim seu lugar

assegurado nas tradições culturais comuns: na narração de histórias, nos cantos, nos jogos.”(ZILBERMAN,1981, P. 36)

Diante dessa situação uma sociedade emerge; a família burguesa ganha espaço, daí há uma necessidade de se pensar a infância, há uma preocupação com o futuro cidadão, formar o filho do burguês, “Trata-se da emergência da família burguesa, a que se associa, em decorrência, a formulação do conceito atual de infância, modificando o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visarão preservar a unidade do lar.” (ZILBERMAN, 1981, p. 34) Nesse processo renovador, a criança é pensada como um ser que precisava de cuidados com a sua formação, humana, ética, espiritual, intelectual cívica.

No seio dessa sociedade, uma sociedade em plena transformação, com influências da revolução industrial, em diversos setores da sociedade como; na educação, que passa a destinar-se a formar a massa para atuar em trabalhos seriados nas fábricas. É que surge uma preocupação com a educação, daquele que até então era visto como um adulto em miniatura, ou seja, uma extensão do adulto, que participava de todas as camadas sócias, e era considerado normal. É nesse contexto histórico que surge um pensador preocupado com a atual situação da criança, foi o Francês Jean Jacques Rousseau, que nasceu em Genebra, Suíça, em 28 de junho de 1712; e faleceu em 2 de julho 1778, com 66 anos, e durante sua existência muito fez pela educação. Sobre as idéias de Rousseau diz-nos Aranha:

Rousseau centraliza os interesses pedagógicos no aluno não mais no professor. Mais que isso, ressalta a especificidade da criança, que não deve ser encarada como um adulto em miniatura [...] Rousseau não dá muito valor ao conhecimento transmitido e quer que a criança aprenda a pensar não como um processo que vem de fora para dentro, ao contrário, como desenvolvimento interno e natural. (1993, p.122)

Ele questionou a educação daquele período, mais precisamente, século XVIII, pois, se baseavam nos interesses dos adultos sobre a criança, e em nenhum momento levavam em consideração as necessidades da criança, por isso atentou para uma educação que se voltasse para as necessidades da criança e de seu desenvolvimento. Visto que, as crianças são seres com características, idéias e

interesses distintos dos adultos, questionou também a forma de relacionamento que os adultos mantinham com as crianças, que era bastante rígido. Rousseau acreditava que em cada fase da vida da criança, ela apresenta características próprias, e que a individualidade da criança deve ser respeitada.

Aliado a essa descoberta, aparece também à preocupação com a literatura que esse novo público usaria para leitura, ou seja, como meio de adquirir informações sobre diferentes conhecimentos, para a formar sua mente e personalidade. Pois esses eram os objetivos do momento. “Quanto à literatura acessível às crianças ou ao povo em geral, seria, sem dúvida, de natureza popular e transmissão oral, ou melhor, seria ainda a produção medieval e renascentista.”(COELHO, p.134,1988)

De início essa literatura, só mantém o foco no pedagógico e na domesticação dos corpos, ou seja, é usada como instrumento de dominação. Como afirma Zilberman, “os textos escritos exclusivamente para crianças, tem sua origem primariamente não em motivos literários, mas pedagógico.” (p.44, 1981) E aqui presenciamos o nascimento da literatura infantil

É somente em fins do século XVIII que se consolida um conceito mais específico do que seja infância. A necessidade de educar essa nova geração e introduzi-la nos moldes civilizatórios que se impunham, com toda a Europa, criavam também espaço para a produção cultural ao público emergente. Nasce, assim, uma literatura de cunho didático, em que o lúdico é apenas um recurso para a instrução. (AMARILHA,1997, p.46)

E como a literatura para criança está e sempre esteve ligado aos sistemas de educação importante no grupo social... “É essencial que se tenha em mente a natureza da educação vigorante nessas épocas distantes, para compreendermos melhor a intenção última dos textos literários infantis que surgem a partir daí.” (Coelho,1988, p.63) Esse tipo de educação, era uma educação de base tradicional, e ditatorial, que tinha a intenção de dizer a criança o que era certo ou errado, e os fins pedagógicos dessa literatura. Mas o que de fato ficou marcado nessa difusão dos contos em diversas partes do globo é que;

Uma difusão realmente espantosa, quando lembramos que, nesses tempos primordiais, a comunicação se dava de pessoa para pessoa e os povos que receberam tais narrativas viviam distanciados geograficamente, separados por montanhas, rios mares, em um

tempo em que as viagens eram feitas a pé, ou a cavalo ou em barcos toscos... isso prova a força da palavra como fator de integração entre os homens. (COELHO, 2003, p.31)

Um exemplo é o conto Dois Irmãos que já existem a trinta e dois séculos e estão vivendo hoje em histórias no Brasil. O que conseguimos perceber, é que existe uma relação entre as características da vida histórica e cultural desses povos e o tipo de literatura que eles criaram e que vão adaptando as exigências específicas de cada época ou região. E, “assim como tantas outras, tem se perpetuado há milênios, atravessando todas as geografias, mostrando toda a força e a perenidade dos folclore dos povos.” (ABRAMOVICH, 1995, P.120)

E Sobreviveram, espalharam-se pelo mundo, devido “à memória habilidade narrativas de gerações de contadores variados, que dedicavam parte das longas noites do tempo que não havia eletricidade para entreter a si mesmo e aos outros contando e ouvindo histórias.” (Machado, 2002, p.69)

Porém uma questão contraditória que desde a origem da criação da literatura vem sendo posta é que, a pesar de (...) “pensada e elaborada para a infância, na verdade, sempre ignorou seus anseios e impôs antes de tudo a visão do adulto sobre a criança.” (AMARILHA,1997, p.48). O que é marcado quando se cria uma literatura pensando no que eles consideram certo e educativo para criança. E aqui nasce a literatura infantil, cheia de intencionalidades.

E junto com ela muitos escritores se empenham em reunir os contos para então adaptá-los para nova classe emergente, e com a ascensão da família burguesa, a figura materna ganha espaço como sendo um dos agentes que auxiliará na formação dessas crianças. Contudo, na França no século XVII, (...) “algumas mulheres se dedicaram a recolher essas histórias que as em cantavam e a lhes da uma forma, mas literária, intercalando-as também com outras que inventavam.” (MACHADO, 2002, p. 71)

Porém, muitos adaptadores, se tratando das versões originais dos contos, fizeram modificações, para suavizar os conteúdos que consideravam macabros, e pesados, ou seja, adaptaram no sentido do que pudesse ser contado nas cortes, acabaram por amenizar as histórias, “Textos-aquele que traduzia a revolta dos segmentos

sociais mais oprimidos, como os camponeses e artesão urbanos, que elaboraram as narrativas primitivas”. (ZILBERMAN, p. 137, 1981), com base nos acontecimentos da época.

E é no contexto desses acontecimentos que a psicologia e a pedagogia, como conseqüência do novo posto que assume a família burguesa, se relacionam e se aliam para dar suporte aos ideais burgueses. “É no interior dessa moldura que eclode a literatura infantil.” (Zilberman, 1981, p.35) e alguns dos principais autores responsáveis pela adaptação dos contos para infância são;

Charles Perrault (1628/1703) escritor e arquiteto francês célebre pela coletânea para crianças contos da Mãe Gansa que publicou em 1697, com o nome de seu filho Perrault d'armancour. Perrault, um erudito e acadêmico francês, e autor de vários livros para adultos, tornando-se celebre e imortal por seu único volume de contos para crianças. São histórias recolhidas junto ao povo, respeitando o que tivessem de cruel, de moral própria. Muitos de seus contos foram também recontados pelos irmãos Grimm, mais de um século depois. Os principais contos publicados em 1697 foram; A bela adormecida no bosque, Chapeuzinho vermelho, O barba azul, gato de bota, As fadas, A gata borralheira ou cinderela, Henrique topetudo, O pequeno polegar.

Irmãos Grimm Jacob (1785-1863) wilhelm (1786-1859) Filósofos, grandes folcloristas estudiosos da mitologia germânica e do direito alemão – recolhem diretamente da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral. Recolham as histórias e a noite adaptava ao seu gosto. Esse material folclórico, recolhido pelos irmãos Grimm, foi publicado entre os anos 1812 e 1822, resultando no volume *contos de fadas para crianças e adultos*. Tanto assim que em algumas delas constam também da recolha feita por Perrault, no século XVII, como os contos; A bela adormecida, os sete anões e a branca de neve, o chapeuzinho vermelho.

Porém agora, a violência presente nos contos de Perrault cede espaço para o humanismo envolvido pelo maravilhoso dos contos dos irmãos Grimm, onde o que predomina é a confiança e esperança, como exemplo temos os finais das histórias de chapeuzinho; que em Perrault, o lobo devora a vovó e chapeuzinho, já no final

dos Grimm, o caçador chega e abre a barriga do lobo e deixam as duas saírem vivas de lá.

Hans Christian Andersen (1805/1875) escreveu *contos para crianças*, (onde escreveu 156 contos para crianças), de nacionalidade dinamarquesa, seu pai era sapateiro e sua mãe lavadeira, sua vida foi como seus contos de fadas, onde meninos e meninas pobres passam por terríveis humilhações e como por magia, chegam a experimentar situações maravilhosas. Entre os títulos mais divulgados de sua obra estão: O Patinho Feio – O Rouxinol e o Imperador da China - O Soldadinho de Chumbo- A Roupas Nova do Imperador- João Grande e João Pequeno.

Os contos de Andersen possuem como valores ideológicos; reconhecimento da submissão, religiosidade, obediência, como virtudes da mulher. Valorização do indivíduo por suas qualidades interiores e não exteriores; como em o Patinho feio. Defesa dos direitos iguais, como em a pastora. Consciência da precariedade da vida; o soldadinho de chumbo.

Collodi (1826/1890) com muitas interrupções publica novos folhetins dando segmento as aventuras do boneco, cujo sucesso levou a sua publicação em livro, em 1883, com o título de as aventuras de Pinóquio. Com base dessa alegre/comovente estória do boneco de madeira, a quem o velho Gepeto dera vida, a teoria da desobediência.

Lewis Carroll (1832/1898); o primeiro grande nome na área do realismo maravilhoso ou mágico, dentro da literatura infantil moderna. Sua grande obra foi Alice no país das maravilhas, que ele inventa em 1862, durante um passeio de barco pela Tamisa. Alice no país das maravilhas tem corrido o mundo em adaptações. Entre-nos (ao que consta) as duas versões para crianças que continuam circulando com as maiores tiragens são as de Monteiro Lobato e Maria Tereza Cunha de Giacomo. Ambas simplificaram bastante o original.

James m. Barrie (1860/1937) Apesar das dezenas de títulos de romances ou teatro que Barrie produziu, o que o consagrou mundialmente foi à criação de Peter Pan. Por influência do empresário de suas peças, esse conto é transformado em peça teatral, Peter Pan o menino que não queria crescer-1904. E Peter Pan e Wendy-1911. É a personagem que consagra na literatura o mito da eterna infância.

Logo após a adaptação dos contos originais, com o objetivo de suavizar os conteúdos, e adequá-los as exigências da sociedade burguesa e seu público mirim. Em meio a todas essas mudanças, a escola ganha reconhecimento, por ser o aparelho ideológico que servirá de base aos desejos da burguesia de formar a classe infantil. A escola que era facultativa, e muitas vezes dispensável até o século XVIII, passa a ser obrigatória em todos os segmentos da sociedade, e para todas as crianças. Isso porque “[...] Inspira confiança à burguesia, não apenas por endossar valores desta classe, mas, sobretudo por imitar seu comportamento.” (Lajolo e Zilberman, 1991, p. 18)

É nesse contexto de valorização da escola e da instrução, que traz conseqüentemente todo esse acervo literário, e acarreta em uma preocupação com referencia a que tipo de material esta sendo disponibilizado para leitura das crianças. Primeiramente ainda na Europa, quando se tem a preocupação em adaptar esses contos, o que não acontece diferente, a partir da entrada desses contos no Brasil. “Se a literatura infantil européia teve seu início as vésperas do século XVIII, quando, Charles Perrault publicou os célebres contos da Mamãe Gansa, a literatura infantil brasileira só veio há surgir muito tempo depois, quase no século XX.” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991, P.22)

2.2 DA EUROPA PARA O UNIVERSO INFANTIL: UM TOQUE DA VARINHA DE CONDÃO!

No Brasil a literatura que existia de início possuía fins dogmáticos, e com o passar do tempo, apareceram outros tipos de literatura de era estreitamente ligada ao momento em que a sociedade atravessava. Por exemplo, durante o Romantismo, muito da literatura que era produzida, dizia respeito ao período de escravidão, a dualidade feminina, esta, vista como anjo ou demônio. Como no poema de Castro Alves “Navio negreiro”, que trazia um retrato da realidade cruel que era o tráfico de escravos. Período esse conhecido como terceira geração romântica, a geração do pássaro condor, que é uma espécie que voa muito alto, e tudo sabe, tudo ver. E por esse motivo foi utilizado como símbolo desse período literário, pois, de lá de cima

ele via tudo, e por esse motivo relatava-se nos poemas as denúncias das mazelas que ocorriam no momento. Portanto, a literatura que se instaurou no Brasil desde o colonialismo, tinha outros fins que não, o público infantil.

E quando de fato essa literatura surge voltada para a criançada, ela vem carregada dos ideais europeus, e mais especificamente através de Portugal, e satisfazem principalmente os adultos, pois a literatura é tida como veículo de manipulação das crianças e motivação da dependência infantil. De início esses contos são traduzidos e também adaptados, porém continuam com a mesma ideologia e intencionalidade, com uma estrutura moralizante, preocupada com a obediência dos filhos aos pais. E da herança de literatura deixada pelo romantismo, surge um poeta, ainda no final do século XIX, que dá indícios de literatura voltada para crianças, é;

João de Deus (poeta vindo do romantismo) foi o primeiro a escrever textos especialmente destinados as crianças. Em 1876, publica a Cartilha maternal, que se torna um dos Best-sellers da época, em Portugal e no Brasil, onde ate bem entrado o século XX serviu para o aprendizado da leitura, nas escolas. Em seu livro de poemas, Campo de flores dedica uma parte para as crianças, e nela reúne pequenas fabulas. (COELHO,1988, P.194)

Mesmo que, esses textos continham muito mais intenção de auxiliar na alfabetização das crianças, do que propriamente criar uma literatura infantil. A intenção de se criar uma literatura infantil surge pouco tempo depois, com Julia Lopes de Almeida, uma das percussoras da criação de uma literatura essencialmente brasileira, a primeira contribuição á literatura para infância foi os contos infantis (1886). “Escreve historias da nossa terra (1907), retomando o maravilhoso, pública Era uma vez (1917) e jardim florido.” (Coelho, 1988, P.211)

E somente depois, essa literatura começa a ganhar identidade nacional, apesar de adaptadas, começam a conter traços da cultura nacional, como algumas das obras de Monteiro Lobato, que sofre influências do folclore brasileiro.

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, contos seletos das mil e uma noites (1892), Robinson Crusoé (1885), viagens de Gulliver (1888), As aventuras do celeberrimo barão de munchhausen (1891), contos para filhos e netos (1894), e D. Quixote de La Mancha (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são

divulgados nos contos da carochinha (1894), nas histórias da avozinha (1896), e nas histórias da baratinha (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela livraria quaresma. (LAJOLO e ZILBERMAN,1991, p.29)

Se Julia Lopes de Almeida foi responsável pela criação de uma literatura infantil brasileira direcionada para criança, Carlos Jansen foi um dos pioneiros na adaptação e tradução dos contos europeus aqui no Brasil.

As primeiras obras literárias para crianças advêm dos mesmos motivos que incentivou a criação da literatura infantil na Europa, o de cercar o jovem de textos que fossem auxiliares na sua formação. Com a implantação da imprensa regia em 1808, começa então a atividade editorial no Brasil, a partir daí começam a publicar livros para criança. Porém, quando se inicia a edição de livros para crianças no Brasil, “a literatura para crianças, na Europa, apresenta se como um acervo sólido, que se multiplica pela reprodução de características comuns.” (Lajolo e Zilberman, p.21, 1991)

A formação da infância brasileira se dá até o fim dos anos trinta, quando a escola passa a ser obrigatória, assim como a frequência na mesma, pois, até então, quem cuidava das crianças eram as escravas, ex- escravas e amas de leite, e quem também esporadicamente contavam histórias para essas crianças, não é por acaso que as histórias que são criadas no Brasil, como as de Lobato, o negro tem presença marcada, e de maneira demasiada, como tia Anastácia do sítio do pica pau amarelo, que é uma personagem que sofre de preconceitos. Até os anos 50, histórias destinadas à infância fazem referência a um Brasil rural, a exemplo do sítio do pica pau amarelo que foi criado por Lobato e manifesta metaforicamente o Brasil como um país de origem rural.

A literatura infantil praticamente não existia no Brasil antes de Lobato, existia sim, era a tradução de contos europeus, como no caso de Figueiredo Pimentel, que traduziu o primeiro livro infantil no Brasil. E também escreveu os contos da carochinha, que “Foi a primeira coletânea brasileira de literatura infantil organizada com a expressa intenção de traduzir em linguagem brasileira os contos infantis.”(Coelho,1988, P. 215) A partir daí , nasce a literatura infantil brasileira, e com o passar dos anos ganha corpo e forma nacional, onde muitos desses contos

possuem uma narrativa dotada de tradições, hábitos e costumes de diferentes regiões do Brasil. E assim a criança brasileira passa a conhecer e valorizar e se identificar com a cultura nacional.

O processo de modernização brasileira se deu através do crescimento industrial e da urbanização, favoreceu o desenvolvimento de uma indústria cultural infantil, passou-se a produzir mais livros, para atender tanto a escola como ao estímulo literário que necessitava de mais livros no mercado. Muito se investe em cultura a partir dos anos 70, só entre 1973 e 1979 a quantidade de livros editados no Brasil passou de 7.080 para 13.228. Isso se deve a expansão do ensino médio e superior, que foram responsáveis pelo consumo cada vez maior de livros. E quanto à literatura infantil, passa a se distanciar dos ideais europeus e passa a representar a sociedade urbana brasileira, o submundo dos menores abandonados, como em *Os meninos da rua da praia*, (1979) de Sergio Caparelli. Que são histórias que tem algum fundo ligado aos contos de fadas como João e Maria, que também passam necessidades.

Porém, o que podemos afirmar com relação tanto às crianças da Europa, quanto as brasileiras, é que, histórias como João e Maria, o gato de botas, A bela adormecida, pequeno polegar, cinderela, são histórias que habitam a vida de qualquer criança, mesmo as escritas há séculos como dois irmãos, atravessam continentes, e influenciam hoje, histórias no Brasil, e que ate antes de aprender a ler, já funcionam como cantigas de ninar das mais variadas gerações, onde pais as contam para seus filhos antes de dormir, nas mais diversas regiões do mundo.

Por volta dos anos 80, as historias deixam de ser exemplares, a linguagem distancia-se da norma culta tradicional, e passa a buscar os dialetos de rua, gíria e falares regionais, buscavam a dicção adequada aos novos conteúdos, pois, a literatura infantil nesse momento buscava contracenar a vida urbana, sendo porta voz da crise social brasileira, dos menores abandonados, e do submundo das periferias, traziam em seu enredo temas de lendas brasileiras e assuntos regionais, se tornam cada vez mais lúdicas e especulativas.

Ao analisarmos o momento literário no Brasil atualmente, podemos ver que a na literatura destinada à infância, ainda existe alguma influência dos contos tradicionais, é o que descobre o folclorista brasileiro Câmara Cascudo, na sua pesquisa em

busca dos contos populares coletados em Portugal. “No Brasil (Rio Grande do Norte), Câmara Cascudo registrou “O Pequeno Polegar” ou “O Miudinho” em versão mais condensada, mas praticamente idêntica. ”(Coelho, 1988, p.23) semelhante a versão de Perrault, porém, não com os mesmos motivos moralizantes. O que seria uma invenção brasileira.

Com o passar dos anos a literatura infantil ganha forma, e identidade nacional, buscando romper com a tradição escolar, e a pedagogia conservadora, que traziam os enredos moralizantes, e com ideologias dominantes, passando a criar textos autoconscientes e realistas, onde ao mesmo tempo que se valoriza o imaginário infantil através da redescoberta do fantástico maravilhoso, também presente nos contos de fadas, e que hoje habita o interior de histórias atuais, através de elementos, símbolos, como os talismãs, varinhas, gênios da lâmpada, pó de pirilimpipim, gigantes, fadas e bruxas, que desde os primórdios teve sua existência na histórias infantis atrelada aos contos de fadas, e depois de anos e anos ganharam força, se espalharam e têm presença marcada numa gama de contos infantis na atualidade. E hoje constituem em objeto de estudo acadêmico, congressos, seminários, teses, dissertações, e livros que tratam da temática sobre a literatura infantil e contos de fadas, são muitos os trabalhos realizados nesta área de pesquisa, devido a sua importância na sociedade e suas contribuições na vida da criança. É o que estudaremos no capítulo dois, de que forma esse gênero literário pode contribuir para formação de crianças na educação infantil, como auxiliar na formação de sua personalidade, auxiliar na aprendizagem, e aquisição do hábito de leitura.

3 – AS CONTRIBUIÇÕES DOS CONTOS DE FADAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL: PASSEANDO PELA FLORESTA...

3.1 A FANTASIA, O SIMBÓLICO, O IMAGINÁRIO INFANTIL, E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.

Começo explicando o porquê da escolha do título deste capítulo, o passeando pela floresta, foi uma metáfora que usei para fazer alusão de que neste momento eu de fato entrarei num mundo paralelo entre a criança e as contribuições dos contos de fadas para educação infantil, mundo esse cheio de magia, aventuras, e fantasias. No qual nem sempre encontrarei flores pelos caminhos.

No capítulo anterior pudemos observar o contexto histórico que deu lugar ao nascimento da literatura infantil, sendo esta derivada dos contos de fadas, que são resultado da adaptação de contos de origem oriental, celta e Greco-romana, esses reunidos da tradição oral de contadores populares, e que assim se difundiram adaptados para crianças do mundo todo. Estudamos, também, que de início essa literatura só possuía fins pedagógicos e moralizantes, o que é diferente na atualidade. É no âmbito desse processo que a criança adquire status e reconhecimento, porém com intencionalidade variada como afirma (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991, p. 17) “A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela è destinatária.” Observando desse ângulo percebemos que, a partir desse momento nasce a indústria infantil, pois, a família burguesa que detém o poder, passa a valorizar a criança, logo, os investimentos nessa faixa etária são convenientes.

Tanto os contos em suas versões mais antigas, quanto as versões posteriores traziam em seu enredo, historias divertidas e moralizantes, pois, na primeira versão de chapeuzinho, a moral da historia é que se uma menina resolve dar ouvidos a algum desconhecido, nesse caso,(lobos) que na verdade representam a figura masculina, podem acabar sendo seduzidas e levadas a desviar do seu caminho. Há também uma visão de que a mulher só atinge a plenitude quando encontra um

homem, somente assim viverá feliz, com o casamento, e fazendo o papel de subserviente ao marido. Os contos a exemplo dos de Perrault eram carregados de ensinamentos como os de que os filhos devem ser obedientes aos pais, e também retratavam o modelo de mulher ideal para a sociedade.

Das adaptações que foram feitas nos contos originais, alguns dos pioneiros responsáveis por essas adaptações muitas vezes, mudaram o final da história, como no caso de Perrault (1697/XVII), com seus finais moralizantes e Os irmãos Grimm (XIX/1822), que enceram a história de chapeuzinho com um final feliz, onde o caçador chega e abre a barriga do lobo resgatando com vida a chapeuzinho e sua avó. Outra vertente de adaptação é a de Andersen (XIX/1875), que traz em suas narrativas o lado oposto da vida na corte, muito tirado de sua infância simples onde teve de enfrentar muitas dificuldades, por isso a maioria dos finais de suas histórias são tristes. Como em o Soldadinho de chumbo, a sereiazinha, e o patinho feio.

A arte de contar história é uma atividade muito antiga, que até mesmo antes de serem escritas já eram contadas oralmente, então para criança, desde muito pequena, já lhe é familiar ouvir histórias, alguns estudos apontam que se deve contar histórias para o bebê desde quando ele ainda é um feto, pois este, já possui a capacidade de audição. Logo considero importante desde cedo, incluir os contos na vida da criança, pois para o pequeno, o sensorial é muito significativo, e a audição é um dos sentidos mais importantes, diante dessa capacidade fetal, portando, deve ser estimulado o quanto antes. Porém considero relevante ressaltar que para cada etapa do desenvolvimento da criança o interesse por histórias acontece de maneira distinta. O que é tratado a seguir ; “A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial.” Como vemos a seguir:

Até 03 anos: fase pré- mágica. Histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados) histórias de crianças.

Dos 3 a 6 anos: fase mágica histórias de repetição e acumulativas (Dona baratinha, A formiguinha e a neve etc.) histórias de fadas.

Para os pré escolares, as histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim ela pode integrar-se com os personagens, conseguem “viver” os enredos e sentir-se no “lugar” em que os episódios narrados

ocorrem. (...) Aos quatro anos, a criança atinge a fase mágica e sua imaginação torna-se criadora. Isso é facilmente observável quando ela brinca, conversa com os brinquedos, inventa falas ao telefone, conversa sozinha com amiguinhos invisíveis, para quem até inventa nomes. (SILVA, 2008, p. 15)

É claro que isso não é um quadro fixo, pois cada criança cresce e se desenvolve no seu ritmo e tempo próprio. Porém de início essa literatura costuma influenciar no aguçador dos sentidos como a audição e visão no contato com o livro, o momento é de deleite e prazer, no caso de uma criança de um ano e dez meses, já a partir dos dois anos a criança passa a representar algumas passagens de histórias infantis, o jogo simbólico passa a fazer parte de seu cotidiano, vejamos o que Piaget (1983, p. 14) diz sobre a função simbólica, que acontece no estágio pré-operatório: "(...) A criança começa a distinguir o significante do significado, isto é, os objetos que apresentam determinadas palavras, e a usar essas palavras em lugar do objeto."

Ela entra em contato com a fantasia, o maravilhoso, o mundo mágico que estimula seu imaginário, passam a fazer de conta, percebem que um objeto pode em sua imaginação representar outro, por exemplo, um pedaço de pau pode se transformar em uma vassoura. "A fantasia é o setor privilegiado pela vivência do livro infantil. De um lado porque aciona o imaginário do leitor; e, de outro, porque é o cenário no qual o herói resolve seus dilemas pessoais e sociais." (ZILBERMAN, 1981, P.130) Assim sendo, a criança encarna um personagem, brinca de ser Alice, Cinderela, Bruxa, ou mesmo o lobo, isso porque, ela precisa de um suporte interior para auxiliá-la a compreender o mundo exterior e a literatura é um meio de vivência de suas inquietações, é uma maneira que ela encontra de se identificar com os personagens e resolver questões internas. "(...) Porque os contos de fadas estão envolvidos no maravilhoso, um universo que detona a fantasia, partindo sempre de uma situação real, concreta, lidando com emoções que qualquer criança já viveu." (ABRAMOVICH, 1995, p. 120)

Vale sinalizar que aos dois anos de idade a criança tem a ganhar ao entrar em contato com os contos de fadas é a capacidade de usar o imaginário, de fantasiar, se colocar no lugar dos personagens, representar, e também de fazer uso da linguagem corporal, Nesse momento a criança começa a externalizar suas angústias, ansiedades, e conflitos mais íntimos, independentemente de

nacionalidade, classe social ou época em que aconteça. O simbólico nos contos de fadas esta ligado aos desejos e medos do ser humano. A criança compreende que não esta só, que em algum lugar no mundo, tem alguém sentido o que ela esta sentindo.

A criança, à medida que se torna mais experiente, adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende. Esses modelos representam um esquema cumulativo refinado de todas as ações similares, ao mesmo tempo em que constituem um plano preliminar para vários tipos possíveis de ação a se realizarem no futuro. (VYGOTSKY, 1993, p.29)

É fato que na primeira infância a criança fica exposta a uma sociedade, onde muito lhe parece estranho, nesta fase é comum, elas ficarem perguntando o porquê das coisas, e porque elas têm de obedecer aos pais, por que não pode brincar com faca, não podem falar com estranhos, nem sair sozinhas na rua, elas também sentem ciúmes do irmão, sofrem com os irmãos mais velhos que os reprimem, muitas vezes acham que os pais não passam de gigantes maus, e as mães bruxas, por não nos deixar fazer o que queremos.

É nesse universo de problemáticas, que os contos de fadas ganha espaço, para ajudar a resolver os conflitos que possam estar passando algumas crianças. A exemplo, de cinderela, com suas irmãs malvadas, iniciações para fazer da criança um homem, como em o pequeno polegar, João e Maria que são entregues ao mundo e passam por privações, afetivas e alimentares, em Chapeuzinho vermelho, aprende o porque de não dar ouvidos a um desconhecido.

Através desse envolvimento intelectual, emocional e imaginativo, experimentam fatos, sentimentos, reações de prazer ou frustração podendo, assim, lembrar, antecipar e conhecer algumas das inúmeras possibilidades do destino humano. Pelo processo de “viver” temporariamente os conflitos, angustias e alegrias dos personagens da historia, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo. (AMARILHA, 1997, p. 19)

A criança percebe que muitos podem passar pelo que ela esta passando, o que poderá levá-la a buscar uma solução para o seu conflito, e assim como no conto, poderá sair vitorioso. Através da vivencia de maneira simbólica, de seus problemas psicológicos, onde essas histórias acabam funcionando como válvula de escape

para as angustias da mente infantil. Pois a leitura do mundo real passa pelo imaginário, é que através do imaginário a criança simboliza e constrói o real. Varias dessas histórias tem uma estrutura que possuem uma série de provas a serem vencidas pelo herói, que muitas vezes encontram-se perdidos na floresta e têm de encontrar o caminho, como na antiguidade, em Esparta, se fazia para treinar o menino. O que significava uma passagem para a vida adulta. Alguém que é indefeso e fraco e aos poucos supera obstáculos até encontrar o caminho, atingir sua maturidade e poder casar e constituir família, sendo feliz para sempre. “Na interlocução com esse texto, o leitor mirim é exposto a problemas e valores com os quais se defronta e poderá se defrontar e, assim, tem a oportunidade de selecionar, experimentar e ensaiar seu futuro.” (AMARILHA, 1997, p. 19)

Os contos de fadas partem de um problema ligado a realidade, e se desenrola na busca de uma solução, que envolve a fantasia, e seus elementos mágicos como as fadas, duendes, bruxas, talismãs, amuletos, varinhas, gigantes e lobos. E no desfecho há conquista da ordem o que representa uma volta ao plano real. Onde em geral, o “fraco” vence, e o mal é punido. Partindo dessa estrutura, os autores de contos de fadas deixam implícito para criança que, no momento certo a criança deve sair da fantasia e encarar o mundo real. Às vezes as situações dos livros são um pouco angustiantes bem como são as ansiedades de crescer, de procurar nosso lugar no mundo, de ter coragem de sair explorando tudo enfrentando circunstâncias inesperadas. (MACHADO, 2002, p.113)

Passamos por situações em que muitas vezes os familiares mais próximos são maus, como irmãos, pai ao abandonar, mãe ao morrer, e sermos entregues a uma madrasta má, crianças passando necessidades. Que nem sempre os finais irão ser felizes, porque nem tudo sai como nos queremos sempre. Temos de aprender a ganhar e perder, num dia agente ganha, em outro perdemos. Tudo isso é exposto nos contos de fadas, não com a intenção de massacrar, e sim de dizer que as dificuldades existem, porém, que estão aí para serem enfrentadas. Que o bem e o mal existem, e pode coexistir em uma só pessoa, cabe a nos ponderarmos essa dualidade humana, a fim de fazermos o bem. Não é a toa que uma criança às vezes escolhe ser num dia chapeuzinho vermelho, noutro bruxa, em outros o patinho feio e também o lobo, é que isso tem a ver com cada momento em que a criança se encontra. O que é justificado em Corso, M, e Corso, D. (2006, p.28) que dizem; que

por isso, “(...) Nem todos são tocados pelos mesmos contos, nem da mesma forma. Afinal, contos que nunca foram esquecidos e provocaram horror e fascínio em uns passam despercebidos para outros.” Inclusive nossa opinião, ou reação a respeito de um conto, pode variar em determinadas épocas de nossas vidas, de início um conto que nos causa medo, com o tempo, pode ser um aliado encantador para vencermos nossos medos.

Diante disso, numa contação de história a criança pode reagir de maneira diferente, mais ou menos entusiasmada. Outro conflito interno da criança é a vontade de ser igual ao pai ou mãe, porém estes passam imagens contraditórias, às vezes são vistos como justos bons e protetores (caçadores, fadas, reis) e às vezes são vistos como cruéis, poderosos, autoritários, (madrastas, dragões, bruxas e lobos). O que também é representado nos contos de fadas como o exemplo dos reis e rainhas, que possuem o poder absoluto e podem ser comparados com os seus pais, sejam eles bons ou maus.

Ao contrário do que acontece em muitas histórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas o bem e o mal recebem corpos na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. (BETTELHEIM, 1978, p.15)

A respeito dessa dualidade inerente a condição humana, aparece nos contos mais uma figura enigmática; o caçador. Que é muito atraente tanto para meninas como para os meninos, apesar de ser um homem com uma tarefa um tanto cruel para as criancinhas, a de matar animais. É admirado porque salva os bons e castiga os malvados. Tanto em chapeuzinho vermelho como em branca de neve, sempre aparece um homem, que no último caso, por exemplo, recebe a ordem de matar branca de neve, porém acaba salvando-a, e em chapeuzinho como no final escolhido pelos irmãos Grimm, onde o caçador abre a barriga do lobo e tira chapeuzinho e a vovó de dentro.

Já a figura do lobo é representado como sedutor masculino, mau e perverso associado a tendências animais, como a de satisfazer seu prazer oral, alimentando-se de uma menininha e sua avó. E que tem o propósito de desviar as

peças do caminho certo, do que os seus pais consideram certo para elas. A criança vê esse lobo, como representação do mau, e também se identifica com ele, quando esta na fase oral, e se vê necessitando de saciar sua fome, as vezes querendo se expressar através das mordidas, e até mesmo não faz de conta, pois esta criança já é palco de tantos conflitos internos, que o único meio de suavizar suas angústias é externalizando. Essas histórias em que os lobos aparecerem “(...) mexe com conteúdos emocionais, sexuais, sociais... Que fala de apetites e de impedimentos vitais, que podem apenas ser retardados, adiados... Mas que um dia são acordados, despertados... e querem satisfeitos.” (ABRAMOVICH, 1995,P. 136)

Em outros contextos essas histórias podem também intimar os pais a tomarem consciência dos riscos que seus filhos podem enfrentar. Como as representações reais de lobos que querem desviar seus filhos, ou seja, pessoas más, homens sedutores de meninas, o perigo de aceitar ajuda de estranhos, comida e etc.

O personagem empresta ao leitor suas grandezas e limitações, mostram outras formas de ver o mundo, coisas que ainda não experimentou. “Entendidas e aceitas em sua linguagem simbólica, essas histórias de fadas tradicionais se revelam um precioso acervo de experiências emocionais, de contatos com vidas diferentes e de reafirmação da confiança em si mesmo. No final, o pequenino se dá bem, e o fraco vence.” (MACHADO, 2002, P.80)

O maravilhoso assume como tarefa, o auxílio na satisfação de desejos ocultos, solução de problemas, onde conquistas quase impossíveis acontecem de maneira instantânea como se fosse um passe de mágica, quem nunca sonhou em ver seus problemas assim, sendo resolvidos de maneira mágica, e até conquistar algo muito difícil. Assim também as crianças fantasiam e até planejam formas de resolver seus problemas. “O onírico, o fantástico, o imaginário deixaram de ser vistos como pura fantasia, para serem pressentidos como portas que se abrem para verdades humanas ocultas.” (COELHO, 2003, p. 17)

Essas narrativas percorrem um mundo cheio de fantasia, sonho e magia, onde não há limite para sonhar, longe da realidade tão fria do cotidiano humano, cheio de horas marcadas e rotinas a serem seguidas, onde o sobrenatural ganha espaço e atua para resolução dos conflitos, onde elementos mágicos são nossos parceiros como tapetes voadores, gênio da lâmpada, gnomos, fadas, palácios, bosques

encantados, reis, heróis, caçadores, e seus talismãs enchem de poesia, beleza, e sonho a alma de homens e crianças do mundo todo. Sempre existe um enigma para decifrar, um mistério ou mesmo, um grande obstáculo para ser superado, vencido. O que acontece muito quando reis vão dar a mãos de suas filhas em casamento, os pedidos são sobre humanos, e as tarefas irrealizáveis, do ponto de vista do real, e às vezes, são vários os pretendentes, onde no final só um triunfará.

Com o passar do tempo a criança ao fazer associações do simbólico com o real, ela muitas vezes entende que: “O encontro com a bruxa é interpretado pela criança como possibilidade que apenas ainda não ocorreu, e os traços de caráter da personagem apenas reforçam o quanto ela é real.” (AMARILHA, 1997, P. 65) Isso só acontece porque, ao relacionar os dois planos, o simbólico e o real, ela traz consigo referências e traços de caráter, de pessoas do seu cotidiano que para elas se parecem com bruxas. Vejamos o que Piaget (1983, p. 14) diz sobre a função simbólica que aparece na vida da criança no período pré-operatório: “(...) A criança começa simplesmente a distinguir o significante do significado, isto é, os objetos que apresentam determinadas palavras, e a usar essas palavras em lugar do objeto.” Daí resultam, conseqüências essenciais para o desenvolvimento mental como; o início da socialização, das trocas interindividuais e com o meio, o aparecimento de uma linguagem interior representada através de um sistema de signos.

Através do contato com a literatura a criança passa a se identificar com certos personagens e também identificar em alguns personagens formas de agir semelhante à de pessoas que ela convive. E é nesse meio que ela descobre o que é correto ou errado através das atitudes dos personagens, e com isso ela adquire uma maior consciência nos seus atos, e até alertam a algum colega, quando estes, cometem alguma ilegalidade. “À medida que se desenvolve, deve passar a se entender melhor; com isto, torna se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.”(BETTELHEIM, 1978, p.12) sendo assim, a criança se projeta no outro, onde consegue se ver, de maneira mais clara, e passa a ensaiar através de atitudes a vida adulta. Essa autoconsciência, experimentada no contato com a literatura, resulta na formação da consciência crítica, e a partir daí, esse ser pensante adquire autonomia e espírito de cidadania. Os contos de fadas trazem abordagens de problemas da vida, e um deles é o de passar pelo processo de

maturação e se tornar alguém consciente de suas atitudes, de saber se relacionar no meio social, ou seja, de adquirir maturidade.

3.2 – O LÚDICO COMO AUXILIAR DA APRENDIZAGEM, E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM NA CRIANÇA, AS HISTÓRIAS INFANTIS E A FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE INFANTIL.

Nessa parte trabalharei de que maneira os contos podem influenciar na formação da personalidade na criança, também falarei um pouco sobre o lúdico nas histórias infantis e sua contribuição para a aprendizagem, memória, e desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Para tanto é importante ressaltar que no período entre os três e nove anos a criança passa por um período de maturação afetiva e emocional intensa, Do ponto de vista afetivo, “Segue-se uma serie de transformações paralelas, desenvolvimento de sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias, respeito).” (Piaget, 1998, p. 24), e essa afetividade é revelada constantemente nos contos de fadas, e ainda em torno do cotidiano e estrutura da sociedade e família. Logo, muitas dessas histórias trazem consigo um pouco de moral e ética como é o caso dos contos exemplares que são:

Narrativas breves, bastantes na literatura popular e na infantil. registram situações retiradas, de preferência, do cotidiano, e encerram uma moralidade, que se institui como exemplo de conduta. São, portanto, contos realistas, na medida em que tencionam registrar acontecimentos familiares ou conhecidos dos leitores. (COELHO, 1991, p.162)

Com esse tipo de conto vem incumbido a responsabilidade de dizer à criança o que é certo ou errado, de acordo com que a sociedade da época pedia. “A moral da primeira infância fica, com efeito, essencialmente heterônoma, isto è, dependente de uma vontade exterior, que è a dos seres respeitados ou dos pais.” (PIAGET, 1998, p.39). De fato, ensina ou deixa implícito para criança o que ela deve fazer e como ela deve ser e agir. O que não é muito diferente hoje, pois, muitas histórias infantis mesmo que de maneira sublime ainda acabam por dizer às crianças que não é certo

desobedecer aos pais, que se deve respeitar o próximo, ter compaixão, falar a verdade e ajudar as pessoas. Que são exemplos constituidores, que através do afetivo e emocional, ajudam a formar a personalidade da criança. No contato da criança com textos detentores dessas características, ela elabora esquemas a partir de seus sentimentos e necessidades interiores ou dependendo do momento em que ela esteja passando, de maneira lúdica, ela acaba tirando suas conclusões acerca de possíveis soluções para o seu conflito e a forma mais correta de agir. Outro fator importante no contato da criança com a literatura é a ludicidade presente nas histórias, e encantam as crianças, isso porque, “A linguagem literária atrai nessa fase, principalmente, pelo jogo lúdico, porque a infância é o momento, por excelência, da brincadeira.” (AMARILHA,1997,p.50) Nesse universo prevalece o lúdico sobre outras experiências reais, por isso a criança simboliza através da vivência do lúdico, de maneira livre onde ela pode trazer para o jogo elementos de sua cultura. Onde a fantasia é protagonista nesse palco, e quem dita às inúmeras formas de atuar é a criança. O que nos leva a concluir “que a fantasia é uma das formas de ler, de perceber, de detalhar, de raciocinar, de sentir...” (ABRAMOVICH, 1995, p.138)

Os contos de fadas detentores de enigmas e mistérios, envolto no mundo mágico e na fantasia, aguça a curiosidade do leitor e rompe com a rotina cotidiana. A criança sente que, assim como nos “(...) contos de fadas que ser um ser humano neste nosso mundo significa ter de aceitar desafios difíceis, mas também encontrar aventuras maravilhosas.” (BETTELHEIM,1978, P.189) E esse é o setor de atuação da fantasia.

É nesse espaço de encantamento que a criança ao ouvir uma história, se envolve tanto que pede para que contemos várias vezes a mesma história. E quando queremos introduzir algo diferente na forma de contar essa história, as crianças reclamam e cobram para que sejam contadas da mesma maneira. Elas têm o prazer de já saber, conhecer antecipadamente o que vai acontecer, naquela história. Isso acontece porque ao dominar a história esse leitor se sente seguro, têm a sensação de poder dominar os acontecimentos de sua própria vida. É como antes vimos nas classificações das fases da criança, segundo Betty Coelho Silva, que durante a fase mágica, os pequenos escutam com o mesmo prazer e interesse, uma mesma história repetidas vezes.

A repetição ou reiteração, juntamente com a simplicidade de problemática e da estrutura narrativa, e outro elemento constitutivo básico dos contos populares. Essa peculiaridade formal que podemos chamar de “técnica da repetição” consiste (como o nome já diz) na repetição exaustiva dos mesmos esquemas básicos (argumentos, tipos e atributos de personagens, motivos, funções das personagens, valores ideológicos, etc.) (COELHO, 1988, p.144)

A repetição é uma forte aliada na formação de estruturas mais complexas e da aprendizagem, assim como, o lúdico também é. A partir do momento em que estimulam a memória, é através do lúdico que permeia a comunicação textual na infância. Assim, a criança começa a construir seu “(...) processo de memorização, fazendo com que um objetivo externo relembre-a de algo; ela transforma o processo de lembrança numa atividade externa.” (VYGOTSKY, 1994, p. 68) Pois, para história atrair a criança tem que haver o elemento lúdico, que é o estimulante para criar o interesse na criança e levá-la a transformar algo externo em algo internalizado.

Aqui a criança faz assimilação das histórias já internalizadas partem da zona de desenvolvimento real, e através da literatura que cria zona de desenvolvimento proximal, e a criança chega a fazer relações mais abstratas, o que ajuda na construção do conhecimento posteriormente. Vejamos o que diz Vygotsky (1994, p.97):

Zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Com envolvimento e fantasia que as histórias infantis proporcionam as crianças, através da vivência do lúdico existentes nos contos, com o desenrolar das histórias a criança retira e conserva o que lhe é significativo, e que acaba ficando na memória. E se o que queremos é fazer com que a criança aprenda, devemos utilizar a literatura já sabendo que ela é capaz de estimular a memória. Assim a criança consegue aprender com mais facilidade.

Sua compreensão da realidade, existência e vida não - ainda se baseia em processos lingüísticos de comunicação, mas nas relações sociais primárias e nas próprias atividades. As histórias infantis desempenham, pois, uma primeira forma de comunicação

sistemática das relações da realidade, que aparecem á criança numa objetividade corrente. Ou, por outra: as histórias infantis são uma espécie de teoria especulativa além da atividade imediata social e individual da criança. (ZILBERMAN,1981, p.45)

Ao ler um livro infantil, a criança vai aos poucos se familiarizando com estruturas lingüísticas, propostas por escritores, especialistas em propor desafios lúdicos e inteligentes. Mesmo por que, a literatura já é um meio de acesso a língua, por articulações pertencentes à língua escrita. Ou seja, ela parte da língua escrita, para oral, e que leva a crianças a fazer uso de outras linguagens, como traves do simbolismo, fazer uso da linguagem corporal. Portanto, favorece o desenvolvimento lingüístico da criança. Pois, ao ouvir um conto a criança verbaliza, externaliza suas aflições, demonstra seus sentimentos mais ocultos, expressa suas emoções, ajuda no desenvolvimento da oralidade, faz caras e bocas, detém um olhar expressivo, sobre algum aspecto da historia que lhe prende. Mais tarde, a criança já começa mesmo sem saber ler, a fazer uma leitura e até recontar a história que acabou de ouvir.

Também Ana Teberosky e Beatriz Cardoso enfatizam que è através da “narração de contos que as crianças começam a seguir o fio argumental da narração, a memorizar os começos e os fins” (Teberosky, Cardoso, 1989, “É por esse motivo também que (as crianças) querem os contos explicados sempre da mesma maneira [...] todos esses aspectos e, mais para frente, facilitam-lhes a escrita. (TEBEROSKY, CARDOSO, in: AMARILHA, 1997, p.22)

Assim, os contos de fadas passam a assumir um caráter pedagógico, na medida em que, transmitem normas, que se relacionam com a formação moral, facilita a existência fazendo relações com mundo real, amplia o domínio lingüístico. Aprender a ler, já possui caráter pedagógico, e é um ato social, pois, resulta da mediação de uma geração sobre outra. A literatura por si só acaba influenciando na produção de conhecimento, porém, esta não deve ser feita de maneira forçada e com a didatização do livro literário, pois, a criança como sujeito criativo deve fazer reflexões, levantar suas hipóteses, e o professor deve atuar como mediador na construção desse conhecimento.

Diante da quantidade significativa de informação que é transmitida a criança, ao escutar um conto, este adquire sentido para criança quando “ela quem descobre espontânea e intuitivamente os significados previamente ocultos. Esta descoberta transforma algo recebido em algo que ela cria parcialmente para si mesma.” (BETTELHEIM, 1978,p.206) ou seja, o texto apresentado a ela, é incorporado de maneira consciente,isso quando a criança está formando sua personalidade, se constituindo sujeito. Logo essa consciência se tornará numa consciência crítica, com o aparecimento de uma força de resistência a fragmentação do sujeito interior. Por exemplo, em alguns contos adaptados de suas versões originais, os adaptadores tiraram o fundo de crueldade da história, no momento em que, no final, mudam e não deixam que as crianças empurrem a bruxa no fogo, impedindo que o vilão seja castigado no final. Mais, para algumas crianças, esse final é tão importante quanto o final feliz destinado aos heróis, pois na formação de sua consciência critica, ele acredita que o vilão deve ser castigado.

Uma das funções dos contos de fadas, também é a de auxiliar na formação do leitor. Em primeiro lugar pelas vias do prazer, pois através do lúdico, proporciona prazer a criança que entra em contato com a cultura da sua sociedade e de varias culturas, e nesse momento a criança precisa se sentir cidadão, e interagir no ato de ler, imagens, livros e linguagens diversificadas, com repertórios conhecidos de sua vivencia, e visão de mundo. Estimulando o pequeno leitor a se interessar pela literatura, Assim, a criança ampliará sua consciência de mundo, e o levará a se descobrir com relação ao outro, a si mesmo, como responsável, integrante de seu meio. Quando a criança se reconhece, na sociedade e perante o outro, ela já passou por momentos de auto-descobertas proporcionados pelo contato com a literatura do maravilhoso. E sobre isso (BETTELHEIM, 1978, p.202) diz-nos; “Só nos tornamos um ser humano completo, realizando em todas as potencialidades, quando, além de sermos nós mesmos com outro e nos sentimos felizes com isso. Como qualquer transformação que toca o âmago de nosso ser.”

Quando a criança adquire o hábito de leitura, pela via do prazer, e se torna um leitor os ganhos são muitos para os pequenos, segundo Cademartori (2008, p. 19);

[...] ao adquirir o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal

função que a literatura cumpre junto a seu leitor é apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais.

São vastos os campos que ao ler a criança entrará em contato, por exemplo, com elementos que fazem parte de sua cultura, da cultura de sua sociedade, e de outras sociedades, como nos livros que tratam de temas ligados a cultura africana, como as tranças de Bintou, o cabelo de Ielê, e menina bonita do laço de fita, entremeio sem babado, o que é muito importante para a criança conhecer a si, ao próximo e o mundo a sua volta.

3.3 - NA TERRA DAS FADAS... UMA OBSERVAÇÃO DO MUNDO DA MAGIA PARA O UNIVERSO INFANTIL: RELAÇÕES TEÓRICAS – PRÁTICAS.

Nesta parte do trabalho, faço relações de alguns dos teóricos vistos no decorrer deste capítulo, que trata das contribuições dos contos de fadas para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças na educação infantil, com algumas experiências práticas que tive como contadora de histórias em especial alguns dos contos tradicionais. Porém, é importante ressaltar que estas contações aconteceram de maneira esporádica e sem a intenção de tornar esta uma pesquisa participante, mesmo porque, foram poucas as vezes que contei histórias, e alguns dos relatos são meramente casos de minha lembrança, pois muitas dessas histórias eu contei até antes de pensar no tema de minha monografia. Onde a única intenção era o deleite das crianças que escutavam àquela história.

Nesse capítulo também trago algumas opiniões que coletei através de seis questionários que apliquei a três professoras de uma escola particular de Salvador, e outros três a professoras de escolas públicas, um questionário entreguei a uma professora da escola municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, que situa-se no bairro São Cristóvão, e atende a uma comunidade carente, dos bairros de São Cristóvão, e Cia Aeroporto. E outro a uma professora da Escola Municipal Célia Nogueira, que situa-se no bairro de Mussurunga, Setor C. E o último, a uma professora da escola municipal do parque São Cristóvão Prof^o João F. da Cunha, que também é uma

escola que atende a uma comunidade bastante carente do bairro Parque São Cristovão e Villa Verde. E por fim, pedi que uma especialista em leitura e literatura, e a bibliotecária da escola que possui ações positivas nessa área respondessem ao questionário. Porém, é importante frisar que este questionário, somente foi utilizado como coleta de informações que serviriam de base para que eu tivesse uma noção de que se o acontece nas escolas particulares, a exemplo das que eu estagiei, também acontece em escolas públicas, foi mais por uma questão de informação. E não com intenção de fazer desta uma pesquisa de campo.

A primeira pergunta que fiz no questionário é sobre a entrada da literatura na vida da pessoa. Onde perguntei; Como e de que forma aconteceu o seu os seus primeiros contatos com os contos de fadas, e o que a pessoa sentia ao escutar tais contos. Para os profissionais tanto da escola particular como os da pública, ambos afirmavam ter contato com os contos de fadas por meio de contos que seus avós ou pais contavam-lhe. E que estes eram momentos de satisfação, prazer, e até medo. Mas, que recordam com saudades.

E ao perguntar sobre hoje como essas professoras se sentem ao ouvir e contar as mesmas histórias que ouviam quando criança, o público não se divide tanto as da esfera pública quanto privada relatam os mesmos sentimentos de quando criança e ficam muito felizes. Porém, uma professora da rede particular afirmou que hoje possui um olhar mais crítico em alguns momentos ou trechos da história, mas, que não deixa transparecer o que o escritor quis dizer num dado momento da historias, pois, as descobertas cabem às crianças.

Nesse sentido, os contos de fadas podem contribuir como afirma Corso, M. e Corso D. (2006, p.28) pelo fato de: "(...) Não possuem propriamente um sentido, são sim estruturas que permitem gerar sentidos, por isso toda interpretação será sempre parcial." Pois, o conto de fadas possibilita que em um único texto tenhamos diferentes interpretações, permite que a criança passeie pela história de maneira ativa, e recolha dela o que for necessário e significativo para elas. "Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente." (VYGOTSKY, 1993, p.75) É isso que acontece, quando a criança passa a fazer associações do que acontece na história com coisas que

acontecem em seu cotidiano, e é nesse momento que a narrativa passa a ser significativa para ela, levando-a a se interessar pela história.

Quando perguntei quais as contribuições dos contos de fadas na vida da criança, em suma, responderam que os mesmos, podem contribuir para estimular o imaginário, onde a criança através do jogo simbólico faz representações e relações com sua vida, o que irá lhe ajudar a resolver conflitos em sua vida, serve para a ampliação do repertório infantil, e auxilia no desenvolvimento e aprendizagem da criança, é auxiliar na formação do leitor. Que foi o mesmo que respondeu a especialista em literatura e a bibliotecária da escola particular. O mesmo aconteceu, quando perguntei quais os sentimentos as crianças expressam ao ouvir os contos, as respostas foram; alegrias, tristeza, medos, raiva, amor e carinho. “A história, lida ou contada, desempenha uma função catalisadora de interesse e prazer. Ora, se as crianças se mobilizam é porque o mundo organizado em narrativa corresponde a seus interesses e anseios e, por conseguinte, é significativo para elas.” (AMARILHA, 1997, p.18)

Uma pergunta específica que fiz a é especialista em leitura e literatura, e a bibliotecária que costumam trabalhar com crianças de variadas faixa etárias, foi; De acordo com suas experiências práticas, se um conto de fadas exerce a mesma influência em crianças de dois, três e cinco anos, ou se ocorre de maneira diferente. As repostas foram que acontece diferente, pois, em cada faixa etária a criança reponde de maneira diferente, para uma criança de dois anos, as imagens são muito mais marcantes, elas se prendem a percepção visual. “Os livros infantis indicados para leitores principiantes apresentam poucas palavras e as ilustrações carregam as ações da narrativa formando assim o texto da história e permitindo lhes a experiência de leitores.” (AMARILHA, 1997, p.41)

Quando contei numa roda a historia de Cinderela, a um grupo de crianças de três anos, e no fim perguntei o que elas mais gostaram na história, elas responderam que; gostaram do vestido de cinderela, do carro que levou cinderela, do sapatinho de cristal, do príncipe, “do baile que é bonito”.

A maneira como uma criança de dois anos se aproxima e recebe uma história e diferente porque para ela, o que importa naquele momento é a percepção, o que ela está sentindo, a emoção, é a imaginação que fala, e é representada através do jogo ficcional, “[...] O era uma vez levanta a cortina de um mundo novo que, se escapa a

realidade imediata, suscita em troca uma realidade simbólica.” (SILVA, 2008, p.52). Com o passar do tempo novas perspectivas se abrem, a criança adquire novas experiências de vida, e suas necessidades já não são as mesmas. Os conflitos existentes em seu interior, a fazem ver uma mesma história diferente do que ela via quando tinha dois anos. Por exemplo, com dois anos a criança demonstra muito mais medo do lobo das histórias, e chegam até a chorar, se ameaçamos dizer que o lobo está chegando para nos visitar. Já com quatro ou cinco anos a criança já não demonstra ter tanto medo assim do lobo das histórias muitas delas ainda escutam a história com o mesmo encantamento, e em uma das vezes que contei a história de Chapeuzinho vermelho, uma das crianças até me disse que; “esse lobo da história não come meninas nada.” Nessa fase a imaginação da criança se torna criadora, ela reconta as histórias, simboliza trechos que mais a marcaram.

Quando perguntei, de que maneira os contos são trabalhados na escola em que você trabalha, e, se elas acreditam que os contos de fadas podem ser uma maneira de estímulo a leitura. Essa foi uma pergunta específica para as professoras da escola pública, visto que os questionários aplicados a professoras da rede particular foram somente de uma escola na qual eu estagiei. Foi um fato marcante registrado em todas as três respostas é que, é um pouco complicado fazer com que as crianças sentem numa roda, ou se concentrem para ouvir a história. E que em todos os casos os contos só eram trabalhados somente na hora da história. E que em alguns dos casos, os contos eram até usados para acalmá-los. Uma pesquisa foi feita por Marly Amarilha que constatou algo semelhante, como segue;

A narrativa é usada para acalmar as crianças quando estão muito inquietas e também para impor silêncio e disciplina ao caos que, às vezes, ocorre na sala de aula. Constata-se, então, que o conceito de atividade “sem significado”, que é atribuído à literatura, não corresponde à verdade. Ela é, de fato, utilitária, é instrumento de controle sobre a criança. (AMARILHA, 1997, P.17)

É o que acontece muitos professores acabam utilizando a literatura como instrumento de controle, para que as crianças fiquem quietas. E não pensam em estratégias que possibilitem que as crianças se interessem pela história, e até usem sua dramatização em conjunto com as outras crianças, e terminem se envolvendo com maravilhoso mundo da literatura infantil. Uma das estratégias que já utilizei

para fazer com que as crianças se apropriem, entrem na trama da história, foi quando ao contar história para um grupo de crianças do grupo quatro, a de chapeuzinho vermelho, como eu já sabia que a maneira como uma criança já ouviu a história pode ter sido diferente da outra, e muitos têm a contribuir com a contação da história, logo de início, com uma cesta na mão, perguntei a eles o que a chapeuzinho leva na cesta para casa da vovó. E eles responderam... Pão, biscoito, leite, doces, balas, maçãs, suco, pirulitos. E desse jeito consegui fazer com que as crianças acompanhem a menina pela estrada a Fora.

No final, combinamos de na próxima sexta-feira trazermos os lanches para colocar na cesta de chapeuzinho. E assim consegui terminar a história com eles super empolgados para chegar a sexta-feira, ouvir novamente a história, e colocar os doces na cesta da chapeuzinho. Para a criança a história deve ter algum significado, algo na trama que a toque, ou algo da trama que fazemos ganhar significado, na medida em que, trazemos para nós.

E não cabe ao professor dizer para criança, e sim, dispor de meios que as leve a refletir, levantar suas próprias hipóteses, assimilar e acomodar o que lhe for significativo. E Sobre a assimilação e acomodação diz-nos Piaget (1998, p. 17); A criança passa a incorporar as coisas e pessoas à atividade própria do sujeito, isto è, “assimilar” o mundo exterior as estruturas já construídas, e reajustar estas últimas em função das transformações ocorridas, ou seja, “acomodá-las”.

Apesar, da dificuldade que algumas professoras da rede pública afirmaram ter, em manter as crianças concentradas no momento da contação de história, quando perguntei se elas acreditam que o uso dos contos de fadas na escola, pode ser um meio de estímulo a leitura. Elas em suma maioria responderam que sim, e apesar de algumas vezes, as crianças não dedicarem total atenção a história, ainda assim, essa tipologia textual é a que mais agrada os pequenos. É o espaço das dramatizações, do jogo simbólico, das crianças externalizarem suas angustias, e conflitos internos. E também de grandes descobertas que lhe servem de auxiliar na resolução de seus problemas. A literatura:

[...] propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação

de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico (CADEMARTORI, 2008. p 18).

E é certo que em algum ponto e de maneira diferente os contos conseguem tocar o pequeno leitor, e se algo nos contos de fadas é capaz de interessar as crianças, esse interesse já se mostra a mola mestra impulsionadora para formar o leitor. No entanto, uma das professoras afirma que não somente o interesse será capaz de fazer com que essas crianças mantenham o hábito de leitura.

Diante do quadro do ensino público no Brasil, são vários os fatores que podem influenciar para que esses alunos se tornem futuros leitores, como por exemplo, que na escola ele até ouve falar em literatura, mas, “[...] em casa, onde às vezes nem encontram o que comer, é obvio que não exista um livro, nem tão pouco a preocupação e valorização do mesmo.” (professora da rede municipal de educação). Sabemos que alunos leitores, também são frutos de pais leitores, em parceria com a escola, e o hábito de se tornarem freqüentadores de biblioteca. Para Amarilha (1997) o fascínio de uma boa história ainda parece insuficiente para garantir a presença da literatura no ambiente educativo.

Ainda se tratando da escola pública, que encontra barreiras no pouco investimento destinado a educação. E da falta de capacitação dos docentes, visto que, muitos deles, não desde a infância não tiveram acesso a literatura, ou mesmo não se viram estimulados, e acabam reproduzindo isso na sua prática atual. E se os professores não têm gosto pela literatura podem acabar transparecendo isso na hora de contar a história.

“Assim como o aluno leitor é resultado de pais e professores leitores, professores leitores são produtos de usuários de bibliotecas.” (AMARILHA, 1997, p.81) Logo, as pessoas que fazem parte do ciclo educacional dessas crianças, deveriam ser freqüentadores de bibliotecas e amantes do ato de ler. Esse seria o primeiro passo para tentar conseguir formar o futuro leitor.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade em que vivemos onde as coisas são tão objetivas e cheias de direcionamentos, onde o adulto deve se adequar as regras da sociedade e viver de acordo seus mandamentos, onde não é admitido erro, e todos têm de ser responsáveis, estudar, conseguir um bom emprego, e ser sufocado pelas pressões de viver uma vida normativa. É natural que a humanidade busque meios de fugir desse contexto, através de sonhos, imaginário, coisas que dê prazer, que proporcione momentos de relaxamento e descontração. Sendo este o contexto que dão origem as fadas como vimos no primeiro capítulo, quando trago as raízes dos contos de fadas, no mundo Celta, logo em seguida trago outra fonte que está intimamente ligada ao prazer, os contos de inicio eram transmitidos oralmente e com a intenção de divertir nobres nas cortes, mas, que depois passa a ser usado como instrumento de moralização, e denuncia de fatos ocorridos na sociedade da época.

Porém, é licito dizer que nas mais diversas regiões do mundo os contos estiveram presentes e com intencionalidades bastante semelhantes, e que o motivo de permanecerem vivos durante gerações, é o encantamento, escape e consolo proporcionado por eles ao público infantil, e pessoas de diferentes faixas etárias. E isso acontece porque os contos trazem temas de conflitos inerentes a condição humana, e as crianças buscam aqui meios de solucionar seus problemas através do sonho, da fantasia, e de seu imaginário, e nisso, a literatura tem muito a contribuir.

Para as crianças o mundo dos adultos dificilmente é entendido, cheio de regras e às vezes melancólicos, e na verdade crianças querem apenas se divertir, explorar o mundo, comer coisas gostosas, brincar com os amigos. As pressões impostas pela sociedade de se tornar um adulto modelo, chega à criança através dos desejos das famílias, de que aquele filho se torne um exemplo, e são mais uma vez transferidos a criança através da escola, que é um meio de realização dos desejos da família. E criança se vê pressionada, acabam buscando através da fantasia, mágica, do lúdico, soluções para o que esta vivendo. Os contos de fadas ajudam-nos a compreender a nos, o mundo a nossa volta, e as pessoas que estão em interação constante conosco. Ajuda-nos a entender os lados de nossa ambivalência, que são projetados

em personagens diferentes da trama, o lado mau, e o lado bom, pois, há momentos de nossas vidas que estamos expostos a situações diversas e nem sempre só queremos ser o bom mocinho, e sim o lobo, ou a bruxa. Isso também, porque pode ser uma maneira de nos defendermos.

Essa consciência do eu, com o outro e com o mundo é proporcionado pela literatura infantil, com isso a criança adquire autoconsciência, através do contato com livros adequados ao nível de percepção do leitor, aprende a se virar, o que é um passo para se tornar um cidadão crítico, pois a literatura é carregada de valores culturais, sociais, que dinamizam uma sociedade. A Consciência crítica atua como uma força de resistência interior do sujeito, que não permite a desagregação do pensamento desse sujeito, devido à grande quantidade de informações que caem sobre ele constantemente. Com isso, a criança passa a fazer reflexões que posteriormente se constituirão a formação de sua personalidade. E com auxílio do jogo simbólico, entrelaçando-se no universo lúdico, a criança vai se adequando as normas, através socialização, e de relações interpessoais, aprendem o que é certo ou errado. Sobre o jogo simbólico diz-nos Huizinga (1993, p. 17) “A criança representa alguma coisa diferente, ou mais bela, ou mais nobre, ou mais perigosa do que habitualmente é. Finge ser um príncipe, um papai, uma bruxa malvada ou um tigre.” Isso porque, o prazer, o lúdico, nesse momento é dotado de significados de sua vivência cultural.

Mas, é importante que se diga que a ficção não existe para iludir o indivíduo, e sim para ajudá-lo a superar os limites de sua condição e desafiá-lo a enxergar além do imediato. Enxergar que aquela situação exposta naquele conto, em muito se assemelham aos dilemas de sua vida e que existe maneiras de resolvê-los. Os contos de fadas falam de conteúdos afetivos, emocionais, auto-descobertas, como no patinho feio, que sente feio e diferente, e é rejeitado por não saber quem é, e se desconhecer, no momento que descobre sua identidade de cisne, recupera a auto-estima. Falam do amor em suas variadas dimensões, e descobertas, falam de dificuldades e carências, como em João e Maria, que são abandonados e passam por necessidades afetivas de não ter a mãe, e de passar fome. Falam de medos, medo de dentista, de apanhar do colega, medo de injeção, de lobo, de não ser aprovado na escola, falam de medos, de sexualidade, da vida, da morte, de termos de nos afirmar como gente, da dificuldade de ser criança, falam da busca pela felicidade.

Os contos também contribuem para aprendizagem da leitura, visto que, como vimos no capítulo dois, para esta acontecer, é necessário que haja o prazer. E como também vimos na fala de Betty Coelho no seu livro “A arte de contar histórias”, que traz a questão da reiteração, onde as crianças escutam com prazer à mesma história repetidas vezes, sendo este um passo para aprendizagem, através da memorização, Onde as crianças recontam a história mesmo sem saber ler. O que não deixa de ser um pressuposto pedagógico, onde em determinadas atividades, as habilidades se aperfeiçoam e desenvolvem-se com prazer, persistência e prática.

Na pesquisa que realizei com o intuito de coletar opiniões sobre as contribuições dos contos de fadas para educação infantil, a qual consta detalhes no tópico três, do capítulo dois, de acordo com o questionário detentor de duas visões, uma de uma escola particular que estagiei, e outra de professoras de escolas públicas, onde muito foi dito sobre as contribuições dos contos, do ponto de vista do professor, em ambas as esferas pública e privadas. E que também foi constatado ao longo da explanação do capítulo dois deste trabalho, no que tange as contribuições dos contos de fadas para educação infantil.

Porém, foi questionado por professoras da escola pública, que a presença dos contos é insuficiente para que possam formar futuros leitores nas escolas, e que em alguns casos, a literatura só é usada para acalmar as crianças, mas, ainda assim, os contos de fadas entre outros tipos de literatura têm presença marcada na escola pública como sendo, a que mais prende os leitores mirins.

No entanto, pude perceber que nem sempre a ausência de leitura nas escolas públicas está associada à falta de interesse, e indisciplina dos alunos, no momento de sentar na roda ou em outro lugar qualquer. E sim também, na falta de preparo dos professores, visto que muitos deles não tiveram acesso, ou contato significativo com a literatura desde a sua infância. E algumas vezes, não são munidos de estratégias necessárias para trazer o aluno para trama da narrativa.

Então, formar docentes e pais capacitados, pois, crianças leitoras, são frutos de pais e professores leitores. Deve haver um preparo prévio, onde quem vai contar a história, deve estudar a história, escolher a melhor forma e recurso mais adequado de contar, escolher uma história adequada à faixa etária da criança, aos gostos daquele público, a exemplo de histórias que contei em algumas observações que fiz.

Achei conveniente que histórias com mais ilustrações, curtas e com pouco texto, são mais adequadas para crianças entre dois e três anos, pois, o tempo de concentração das mesmas é limitado. E ao contar histórias é importante fazer com que a criança participe, levá-las a levantar suas próprias hipóteses, tenha prazer de estar escutando aquele conto e que se sinta parte integrante da história.

Por esse motivo, há uma relevância em estudar a história antes de contar, pois, se nós não tivermos condições emocionais para contar a história até o fim com suas facetas, elementos de crueldade, de angústia, (inerentes a condição humana), é melhor procurar outro livro para contar, ou procurar um livro que considere mais adequado ao público para o qual se está contando àquela história. E em seguida, o adulto deve se conscientizar de que não devemos privar as crianças de algumas questões como finais tristes, isso porque nem sempre tudo acontecerá da forma que a criança deseja, e que em alguns momentos ela vai perder, e outros irão ganhar.

A preocupação dos professores diante de qual história contar para criança é sempre muito importante, em especial um conto de fadas, tem muito a dizer a determinada criança, já para outras pode não dizer muito. Tudo depende do interior da criança, de suas necessidades, dificuldades naquele momento, o poder de encantamento diante de um conto de fadas pode variar de criança para criança. “será “ideal” aquela que corresponder a uma necessidade profunda do tipo de leitor a que ela se destina, em consonância com a época que ele esta vivendo.

Porém, uma coisa é certa, não é por acaso que esses contos atravessaram continentes, fontes da China, como Cinderela, foram encontradas em outras partes do mundo. E o mesmo encantamento vem sendo transmitido durante séculos e gerações. Hoje, são muitos os estudos e edições que apontam para as contribuições dos contos de fadas para a vida da criança, e a influência do mesmo no seu desenvolvimento, psicológico, cognitivo, e social, assim como na aprendizagem, e formação da personalidade. Em síntese, ensina a criança a se virar no mundo, que para ela, é um território ignoto, ou seja, desconhecido, onde muito para ela parece estranho. Portanto, não devem ser vistos somente como entretenimento infantil, precisam ser descobertos como fonte de conhecimento da vida. Fato esse que confirma a universalidade e permanência dos mesmos durante séculos, por saber que os contos influenciaram crianças de diferentes regiões do mundo, e de gerações

distintas, e assim marcou presença no gosto das crianças de uma diversidade de culturas bastante abrangente. E que toda criança que esta se estruturando subjetivamente e de forma saudável, necessita de ter contato com os contos de fadas e suas bruxas, princesas, lobos, e heróis.

A partir da reinvenção desse gênero, muita coisa boa vem sendo escrita hoje, principalmente aqui no Brasil, o que mostra que os contos de fadas não saíram de moda, continuam sendo uma fonte inesgotável de clássicos literários em que se baseiam os escritores atuais. Pois, os escritores de hoje, foram leitores no passado, e quem não gostava de ouvir histórias com bruxas, lobos, e princesas. E ao escrever acabam deixando o mundo das fadas lhes dar um toque mágico. E comparando os contos de fadas com literaturas atuais acredito que não exista a mais adequada, e sim, aquela que corresponda as necessidades do tipo de leitor a que se destina, aliado a época em que ele está vivendo. O livro se torna interessante para criança na medida em que, naquele livro diga algo que toque na natureza interna da criança, algo que ela deseje viver ou esteja vivendo naquele momento. Esse interesse a partir de uma vivência do sujeito lhe trará prazer ao ter contato com o livro, com isso vem o gosto pela leitura.

Hoje encontramos bons escritores dedicados a literatura infantil, bastante criativos e com um acervo inovador como; Ana Maria Machado, Raquel de Queiroz, Andre Carvalho, Ruth Rocha, Leo cunha, Bartolomeu Campos de Queiroz, Sergio Caparelli, Ziraldo, Eva Furnari, Silvia Orthof. Todos eles ótimos escritores, e com obras maravilhosas que muito têm a dizer a diferentes leitores mirins. Porém, um bom livro sozinho nem sempre é capaz de envolver a criança na trama, fazê-la permear no seu imaginário e evocar o espírito mágico do prazer de ouvir uma história. Muitas vezes, é necessário que o professor saiba estimular fazer com que o “era uma vez” ganhe espaço na rotina das crianças.

O professor deve favorecer situações na sala de aula, em que, as crianças se envolvam através do imaginário, que muitas vezes são acionados por elas naturalmente, e que nós, professores propúnhamos através de nossas intervenções, estimule a criança a adentrar no mundo maravilhoso proposto pelos contos, e neste caminho poder experimentar os a dor e o prazer, os avanços e retrocessos, inerentes no processo de crianças em situação de aprendizagem, onde as crianças

buscam respostas para suas indagações e conflitos. Como relatei no tópico três do capítulo dois, onde pude perceber que a angústia dos professores em relatar que as crianças não se concentram para ouvir histórias, pode estar ligado, a falta de preparo dos mesmos em desenvolver estratégias que funcionem como fio condutor que ligue as crianças aos livros. Portanto, é relevante se preocupar com a formação docente, em consonância com os pais e toda comunidade escolar, a fim de que juntos possamos inserir a criança no mundo imaginário, fantástico, mágico e maravilhoso dos contos de fadas.

Como vivemos numa sociedade em transformação, onde a educação é bastante afetada, pela falta de verbas, é importante que tenhamos consciência de que as transformações no âmbito educacional não se reduzem somente a mudanças de teorias de base, estratégias didáticas, e metodológicas. E sim de muito investimento público, não só na educação, como também de base em todas as esferas que essa criança transita, pois se a mesma não tiver o que comer em casa, como terá concentração para ouvir uma história. Logo, para o professor da rede pública, as coisas se tornam um tanto mais complexas, mesmo porque para uma criança que não ver os pais lendo, ninguém do seu círculo de amigos falando que adora ouvir histórias, nem tão pouco seus professores o fazendo, ou estimulando-os adequadamente a entrar no universo literário, para esta criança se tornará cada vez mais distante esse mundo (literário) do seu.

Diante disso, é importante que tanto a família como os professores sejam leitores competentes, para que possam influenciar seus filhos e alunos a adquirirem o prazer e o hábito de leitura, tornando-se futuros leitores, que é uma das contribuições que os contos de fadas oferecem as crianças, através do prazer se tornarem leitores. Com os contos a criança encontra o sentido para sua vida, aprende a lidar com as dificuldades, se torna autônoma, além de ser um auxiliar na aprendizagem, e manutenção do hábito de leitura.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: scipione, 1995.
- AMARILHA, Marli. **Estão mortas as fadas?** Petrópolis RJ: vozes, 1997.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2 ed. rev. atual. São Paulo. Moderna, 1993.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COELHO, Nelly Noves. **O conto de fadas: Símbolos, Mitos, Arquétipos**, São Paulo, DCL, 2003.
- COELHO, Nelly Noves. **Literatura Infantil: Teoria- Análise- didática**. São Paulo, Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil** . São Paulo: Ática, 1988.
- CORSO, Diana L.; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis**. São Paulo: Artmed, 2006. 326p.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Atlas, 1987.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 3ª Ed. 1991.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo. Editora; Perspectiva, 4ª Ed. 1993.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Porto Alegre: Artmed/UFMG, 1999.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil; Historias e Historias**. São Paulo. Ática, 1991.

MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Traduções de Nathanael C. Caixeiro, Zilda Abujamra Daeir, Celia E. A. Di Piero. Os pensadores. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. 23ª Ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1998.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias, uma arte sem idade**. São Paulo, Ática, 10ª Ed. 2008.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social Da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.

ANEXO

Universidade Federal da Bahia
 Faculdade de Educação
 Curso de Pedagogia
 Discente: Adriana Maria Araújo da Silveira
 Orientadora: Dr^a. Ana Kátia dos Santos

Pesquisa de Campo

A presença dos contos de fadas é marcante na educação infantil, tanto na família quanto na escola. No entanto, o modo como os educadores trabalham esses contos em sala de aula pode ser um diferencial na perspectiva metodológica, e a recepção dos contos pela criança pode se configurar em algo aquém de um simples olhar aguçado sob as histórias. Nesse sentido, o que pretendo nesta pesquisa é analisar de que forma os contos de fadas podem contribuir no desenvolvimento da criança, por meio da mediação do professor. Para tanto, a presente pesquisa busca coletar informações que possam contribuir para o trabalho de conclusão de curso da discente Adriana Maria Araujo da Silveira.

<input type="checkbox"/> É de livre vontade que participo desta pesquisa como voluntário.

1- Dados pessoais

1.1 Idade:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Entre 18 e 25 anos | <input type="checkbox"/> Entre 26 e 33 anos |
| <input type="checkbox"/> Entre 34 e 41 anos | <input type="checkbox"/> Acima de 42 anos |

1.2 Sexo

- | | |
|------------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Masculino | <input type="checkbox"/> Feminino |
|------------------------------------|-----------------------------------|

1.3 Grau de Escolaridade

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Ensino médio completo | <input type="checkbox"/> Ensino médio com magistério |
| <input type="checkbox"/> Superior incompleto | <input type="checkbox"/> Superior completo |

Outros cursos: _____

2) Quando e de que forma ocorreu seu primeiro contato com os contos de fadas, e o que você sentia ao ouvir os contos?

3) Qual a sua relação com a literatura atualmente, especificamente os contos de fadas, e o que você sente hoje, ao escutar um conto, é o mesmo sentimento que tinha quando criança?

4) Para você, quais os contos de fadas (a exemplo dos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm) as crianças mais gostam de escutar ou ler?

5) Qual a importância dos contos de fadas para educação infantil, e suas contribuições no social, psicológico e pedagógico da criança?

- 6) Com base em sua experiência e observação, quais atitudes, sentimentos ou emoções, as crianças expressam diante da apresentação de um conto de fadas?

- 7) De que maneira é trabalhado os contos de fadas na escola que você trabalha, e você acredita que trabalhar os contos pode ser um meio de estímulo a leitura nas escolas públicas?
